

# AFRONTA À DEMOCRACIA

Diante da derrota para Lula, Bolsonaro comete traição ao país ao convocar embaixadores para atacar a Justiça Eleitoral e as urnas eletrônicas. E, ante o silêncio cúmplice da PGR, ameaça melar a eleição ao não aceitar resultado. Mas a sociedade brasileira reage

**GOLPE**

Foto: Edu Andrade

**focus**  
**BRASIL**

Fundação Perseu Abramo 25 de Julho de 2022 Nº 68

De volta a Garanhuns, Lula promete acabar com a fome  
A fome atrasa o desenvolvimento das crianças no país  
Felipe Nunes detalha o que dizem as pesquisas eleitorais  
A política criminosa de Bolsonaro para a Amazônia  
A cinebiografia do Rei Elvis Presley, por Bia Abramo



**Marco Aurélio Garcia** (1941-2017)  
5 anos depois, presente! agora e sempre

**Vida e obra do MAG**

20 de julho, quarta 19h

Com a participação de:  
Dilma Rousseff  
Breno Altman  
Valter Pomar

FUNDAÇÃO Perseu Abramo Partido dos Trabalhadores  
ELAHP Escola Latino-americana de História e Política

Ao vivo em  [youtube.com/elahp](https://www.youtube.com/elahp)  [facebook.com/elahp.com.br](https://www.facebook.com/elahp.com.br)

focus  
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor-Chefe: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo, Danilo

Molina, Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Pedro Camarão e Ricardo Stuckert



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

#### DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Geraldo Magela e Valter Pomar

#### CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Presidente: Fernando Haddad

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur

Chioro dos Reis Fontenele, Arlete Sampaio, Azilton Viana,

Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto,

Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de

Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de

Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro,

Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo,

Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de

Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,

Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,

Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

#### SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo

(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína

Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),

Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio

Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

#### CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

WEBSÉRIE

**PERI É PERIFERIA FERIA**

ASSISTA AGORA NO  [/FUNDACAOPERSEUABRAMO](https://www.youtube.com/fundacaoperseuabramo)

ESTREIA SEMANAL DOS 8 EPISÓDIOS NAS QUARTAS-FEIRAS ÀS 15:00

FRIEDRICH EBERT STIFTUNG BRASIL  
FUNDAÇÃO Perseu Abramo Partido dos Trabalhadores  
Rede Globo

AS CAMPANHAS PRESIDENCIAIS DE 1994 E 1998

EXPOSIÇÃO VIRTUAL

**PT 42 ANOS**  
a retomada da esperança

POLÍTICO E CULTURAL

CONSTRUÇÃO DA SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

PT 42 ANOS  
A RETOMADA DA ESPERANÇA

ACESSE EM [fpabramo.org.br/pt42anos](https://www.fpabramo.org.br/pt42anos)

NESTA EDIÇÃO

# O MAIS NOVO ATAQUE DO PRESIDENTE À DEMOCRACIA

Jair Bolsonaro atenta contra as instituições ao anunciar a representantes diplomáticos de outros países que não aceita a derrota nas eleições de outubro. Ele despreza as instituições e comete novos crimes de responsabilidade.

Página 12

Reprodução



**EDITORIAL.** O golpismo de Bolsonaro o isola na comunidade internacional

Página 4

**ENTREVISTA.** Felipe Nunes destrincha as pesquisas sobre o humor do eleitor

Página 6

**REAÇÃO.** A sociedade civil reage ao mais novo ataque de Bolsonaro às urnas

Página 7

**CASA BRANCA.** Biden manda recado ao governo: voto precisa ser respeitado

Página 14

**VEXAME.** O líder Reginaldo Lopes condena o circo montado pelo presidente

Página 15

**PESQUISA.** Rejeição à reeleição do presidente é ligada à economia ruim

Páginas 16

**DE VOLTA.** Lula visita Caetés, se emociona em casa e quer o fim da fome

Página 18

**PLATAFORMA.** Mais de 13 mil propostas foram recebidas pela campanha

Página 20

**SEMINÁRIO.** Especialistas defendem uma economia baseada em carbono zero

Página 22

**CORRUPÇÃO.** A PF faz ofensiva na Codevasf e Bolsonaro admite desvios

Página 24

**ASSASSINATO.** Justiça do Paraná aceita denúncia contra Jorge Guarinho

Página 25

**VIOLÊNCIA.** Operação policial deixa 18 mortos no Complexo do Alemão

Página 26

**FOME.** Desnutrição está provocando atraso no desenvolvimento infantil

Página 27

**COLÔMBIA.** Gustavo Petro constrói maioria na Câmara e no Senado para governar

Página 28

**EUA.** Guru de Trump, Steve Bannon é condenado pela Justiça por desacato

Página 29

**HISTÓRIA.** Tortura militar denunciada em 70 e a Chacina do Acari, no Rio

Páginas 30 e 31

**CINEMA.** A cinebiografia "Elvis" encanta as plateias e mostra o auge do Rei

Página 32

**LITERATURA.** A estreia de Karina Buhr em seu potente romance "Mainá"

Página 32



# GOLPISMO OU ESPERANÇA

Aloizio Mercadante

A campanha de Bolsonaro aposta abertamente em duas táticas para o pleito de outubro. Uma, que incorpora o Centrão e alguns atores políticos menos radicalizados, é tentar disputar as eleições com a pesada herança de um governo sem entrega. A outra, que aglutina o clã familiar e a base mais fanática e autoritária do bolsonarismo, é a de preparar o terreno para o “projeto Capitólio” e tentar um golpe.

Entretanto, toda vez que que

Bolsonaro decide, entre uma e outra motociata, ele prioriza o golpe e abandona a estratégia eleitoral. Um exemplo disso foi a indicação do vice, uma vez que havia uma proposta para que a chapa bolsonarista fosse composta por uma mulher do agropêlo e do núcleo político do governo, mas ele optou mais uma vez por um general.

É evidente que Bolsonaro aposta no golpe porque sente e sabe que será derrotado em uma disputa democrática. O antibolsonarismo está cada vez mais forte e consolidado em razão da negacionismo, da inflação, da recessão, do ataque permanen-

te aos direitos humanos e às minorias, do discurso do ódio que resultou no assassinato do nosso companheiro Marcelo Arruda, do assédio a mulheres pelo ex-presidente da Caixa, dos graves indícios de corrupção no MEC e na Codevasf, no orçamento secreto, enfim, por um governo que não tem nenhuma realização relevante para apresentar ao povo brasileiro.

Bolsonaro precisa, pelo menos, chegar no segundo turno para desenhar a aventura golpista. Isso porque, no primeiro turno, nós temos, além da eleição presidencial, a dos 27 governadores, dos senadores, dos depu-

tados federais e dos deputados estaduais, o que torna muito difícil qualquer tipo de turbulência ou questionamento. A narrativa golpista fantasiosa e grotesca de Bolsonaro precisa tentar levar as eleições ao segundo turno e a partir daí, diante de uma derrota evidente, tentar avançar com a tentativa de golpe.

Acontece que o Sete de Setembro do ano passado, quando Bolsonaro ameaçou romper com o pacto democrático e pregou abertamente a seus fanáticos a invasão do Supremo Tribunal Federal, foi um retumbante fracasso. Na ocasião, o ex-capitão sentiu a pressão das instituições e foi obrigado a recuar.

No mesmo sentido, a tentativa recente de construir uma narrativa golpista para embaixadores, no Palácio da Alvorada, foi grotesca e uma tragédia política. Além de todas as carreiras de Estado e de diversas entidades da sociedade civil terem se manifestado contra essa nova patuscada bolsonarista, a repercussão internacional foi devastadora, a ponto dos Estados Unidos, do Reino Unido e de outras diplomacias europeias se manifestarem abertamente a favor da lisura do processo eleitoral brasileiro, aprofundando o imenso isolamento de Bolsonaro no concerto das nações.

Ao mesmo tempo, todas as ações de governo estão indo na direção de deixar um cenário de terra arrasada para o próximo governo, uma completa falta de compromisso com o futuro do país e uma irresponsabilidade fiscal absoluta. Esse mesmo governo que tinha pedalado os precatórios com a justificativa de que não tinha dinheiro para pagar, de repente faz uma série

de projetos eleitoreiros, violando totalmente as regras da disputa eleitoral, despejando dinheiro de forma ilegal a dois meses das eleições.

Para manter essa estratégia, Bolsonaro entregou o orçamento para o Centrão por meio do esquema secreto, sendo R\$ 42 bilhões de investimento e R\$ 37 bilhões de emendas parlamentares. Além disso, não há

## A CANDIDATURA LULA-ALCKMIN É A ÚNICA QUE SEGUE PERCORRENDO O PAÍS, MERGULHANDO NO BRASIL, OUVINDO A SOCIEDADE, REALIZANDO GRANDES ATOS

nenhum projeto estruturante, alguns ministérios estratégicos, como o da Educação, vivem um colapso institucional, e a Saúde vive um descalabro, com desperdício de dinheiro com a finalidade única eleitoral.

Em paralelo, enquanto Bolsonaro segue dividido entre essas duas táticas, perdido diante de uma inexorável derrota que se aproxima, a candidatura Lula-Alckmin é a única que segue percorrendo o país, mergulhan-

do no Brasil profundo, ouvindo a sociedade, realizando grandes atos de massa e escutando, mobilizando e conscientizando o povo. É a única candidatura também que segue ampliando o leque de alianças e apoios, a exemplo de um setor importante do MDB que pode chegar a 13 estados e que iniciou um processo de disputa interna para apoiar o Lula.

O mesmo acontece no PP e no PSD em que houve um racha do setor do agro moderno e comprometido com a responsabilidade social e ambiental, além do recente encontro com o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, e com líderes do PSDB. Diversos atores do espectro político já se manifestaram em direção a Lula, sem falar na frente de esquerda que dirige todo esse processo. Da mesma forma, a cantora Anitta e um amplo e poderoso movimento da cultura estão em favor de Lula.

Por isso, de um lado nós temos a campanha de Bolsonaro esquizofrênica e desesperada. Uma campanha dividida que prioriza construir uma narrativa golpista para uma eleição que eles sabem que vão perder.

Do outro, temos a força da campanha de Lula que já está nas ruas, estruturada com palanques consistentes em todos os estados do país. Uma campanha de esperança, liderada por Lula, que nunca saiu do coração do povo, o melhor lugar para se fazer uma disputa política. Uma campanha que emociona, mobiliza e organiza e que avança para eleger um metalúrgico presidente pela terceira vez na história do Brasil, dando início ao processo de reconstrução do Brasil. •

# “A SOCIEDADE ESTÁ POLARIZADA AFETIVAMENTE”

Diretor da Quaest, o cientista político aponta que as eleições de 2022 são a primeira em que o país está dividido para além da política. “Os eleitores agora passam a se ver em campos antagônicos como inimigos e não como adversários mais”, explica. “Não é mais sobre branco e preto, vermelho e amarelo, azul e vermelho. Não. É sobre visão de mundo”

**Olímpio Cruz Neto e Pedro Camarão**

**A**s eleições de 2022 serão as primeiras eleições em que a sociedade brasileira está polarizada afetivamente, no maior nível histórico que a gente já viveu. E o que significa isso? É a primeira vez que os partidos políticos antagonizam uma disputa, mas é a sociedade quem está polarizada. A disputa entre Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro é a primeira em que estão em disputa duas visões de mundo diametralmente opostas.

Esta é a avaliação do cientista político Felipe Nunes. À frente do Instituto Quaest, ele tem uma análise curiosa sobre o cenário político brasileiro. Diz que

é essa polarização que explica o grau de violência política que o país experimenta pela primeira vez desde a redemocratização, numa escala inédita. “Hoje, quando a gente faz pergunta em pesquisa se o seu filho estiver noivo de uma pessoa que pensa politicamente diferente de você, você aprova ou reprova esse casamento? Mais de 80% dos brasileiros reprovam”, aponta.

Nesta entrevista à Focus Brasil, este mineiro de fala ligeira, que vive agora mergulhado em números e recortes do eleitorado nacional, explica o que está acontecendo com a cabeça do eleitor, as chances de Lula se eleger no primeiro turno e porque o atual presidente tem dificuldades de se reeleger. “A economia e as questões sociais como um

todo têm um papel muito maior do que corrupção e violência, o que mostra que vai ser determinante na eleição”, aponta. A seguir, os principais trechos da entrevista:

**Focus Brasil – Existe já alguma leitura a partir do que tem sido percebido pelas pesquisas dos posicionamentos mais radicais do Bolsonaro, mais conspiratórios, pode acabar tirando votos ou o afastando mais do centro?**

**Felipe Nunes** – Eu tenho classificado esse tipo de ação do presidente como tiro no pé. Eu vou explicar o porquê: o momento em que o Bolsonaro mais ganhou popularidade e espaço eleitoral neste ano, foi exatamente nos momentos em que ele estava mais calado e afrontando menos as instituições.



E isso nas pesquisas se dá de uma maneira muito clara. A gente pergunta nas surveys: você sabe que o presidente está questionando as urnas eletrônicas, a confiabilidade das urnas eletrônicas? E aí as pessoas dizem sim ou não, tem um percentual alto que diz que sim, outro que diz que não. Acho que 60%, aproximadamente, já sabe desse posicionamento. E aí a gente pergunta: e como isso impacta a sua postura em relação ao presidente? Isso aumenta ou diminui as chances de você votar nele? Ou não impacta de jeito nenhum? E aí você tem um percentual de 30% que diz que aumenta, 30% que diz que diminui e o resto lá que diz que não faz diferença. Só que o detalhe é o seguinte, quando a gente abre o dado comparando o eleitor do Lula, o eleitor que já é do Bolsonaro e o eleitor que está em disputa, a gente percebe claramente o tiro no pé, porque o eleitor do Lula, é claro, diz que diminui a chance de votar no Bolsonaro ou que não vai mudar, vai continuar não votando.

O eleitor do Bolsonaro diz que aumenta as chances de votar nele com essa manifestação, com esse tipo de tensionamento ou que vai continuar do mesmo jeito, ou seja, votando nele. Ou seja, aí você está falando para convertido, gente que já gosta ou não gosta.

A eleição é sempre decidida não pelos apaixonados pelos políticos, pelos líderes. Ela é decidida por quem está no meio, quem não tem posição clara sobre o assunto. Nesse meio sabe qual é a resposta? A grande maioria das pessoas que hoje não vota nem em Lula nem em Bolsonaro dizem que diminuem as suas chances de votar em Bolsonaro dado o tensionamento institucional. Então, cada vez que o presidente toma esse tipo de atitude, na minha avaliação, o que ele está fazendo é preparando o seu exército para o que pode ser o pós-eleitoral. Ou seja, está tentando mobilizar as pessoas para que haja uma saída na eleição de um discurso de que não perdeu ou algo do tipo. E ele

faz isso não para mobilizar o eleitor que ele precisa para ganhar a eleição, mas mobilizando o eleitor que ele precisa para ganhar sustentação política e sobrevivência.

**– Ao mesmo tempo em que o Bolsonaro apresenta esse radicalismo, está usando a máquina pública. Vai conseguir o voto do centro organicamente, sem dialogar?**

– Acho que a estratégia do Bolsonaro é uma combinação de populismo fiscal para falar com o eleitor pragmático, com tensionamento institucional, para falar com o eleitor que não acredita nas instituições, está insatisfeito com a política. Ele está tentando juntar esses dois sentimentos. E essa estratégia em volta da PEC é uma estratégia que tem, me parece ter uma perspectiva relevante. Essa estratégia é triangulação, é quando o candidato se transveste do argumento do seu adversário para tentar anular o efeito que teria na eleição. Então, quando o Bolsonaro se transforma

num candidato que parece se preocupar com a população, que parece estar ligado à ideia de controlar inflação, de baixar preços, etc. O que ele está fazendo, no fundo, é adotando a estratégia do Lula para si e tentando com isso anular o efeito da imagem, da reação que as pessoas têm, da relação positiva com o Lula. Na história de eleições recentes, e tem dois casos de sucesso: Bill Clinton, que trouxe a agenda de reformas liberais para o seu discurso e com isso ganhou dos republicanos nos Estados Unidos no momento em que o Bush era ainda uma figura importante; e o Tony Blair, que na Inglaterra trouxe o discurso da educação, dos investimentos sociais para sua agenda e anulou a oposição com essa lógica.

Bolsonaro aposta, claramente, em tentar ativar o coração do eleitor pragmático por meio de uma sensação positiva econômica, no curto prazo, mas sem deixar de mobilizar aquele eleitor radicalizado, de direita, que é contra as instituições, que acha que o Brasil não funciona direito e que o sistema político é todo corrompido etc. Eu acho que é aí que ele está apostando numa virada.

**– Mas deixa uma conta enorme para o ano seguinte. Você acredita que esse movimento do Bolsonaro pode roubar eleitores do Lula? Os eleitores que estão com Ciro, Simone Tebet, poderiam decidir votar no Lula no 1º turno?**

– Acho que a primeira coisa é o seguinte: se a gente olha o efeito que o Auxílio Brasil gerou politicamente até aqui, ele foi nulo. Se a gente compara as pesquisas de intenções de voto de novembro do ano passado até maio deste ano, vamos perceber que não há nenhuma diferença estatisticamente significativa entre quem recebe ou não recebe o auxílio no que diz respeito a votar ou não

em Bolsonaro ou em Lula. A gente vê duas linhas paralelas, independentemente de se você recebe ou não, se já votava no Lula, continua. Se você não votava, continua a não votar. Por que disso? Porque o efeito que o Auxílio Brasil poderia gerar foi consumido pelo efeito da inflação naquele mesmo momento. A subida de preços foi combinada com o pagamento do auxílio. Então, uma coisa anulou a outra e o efeito não se deu.

O que mudou? De junho para

## **BOLSONARO CONSEGUIU GERAR EXPECTATIVA DE QUE SERIA CAPAZ, COM AS MEDIDAS QUE TOMOU, DE ENCONTRAR SOLUÇÕES PARA OS PROBLEMAS**

julho, ao contrário do que tinha acontecido até então, Bolsonaro conseguiu gerar expectativa na população, de que ele seria capaz, com todas as medidas que estava tomando, de encontrar soluções para os problemas. Estou falando de quê? Da briga com a Petrobrás em torno do valor da gasolina, da legislação para travar o ICMS, do aumento do Auxílio Brasil, dos incentivos e subsídios para caminhoneiros e taxistas... Tudo isso gerou a sensação, numa parte do eleitor, de que o presidente está tentando fazer o que pode.

E a gente perguntou isso na pesquisa: você acha que o Bolsonaro está fazendo o que pode para resolver os problemas? 42% dizem que sim. São 11 pontos a mais do que ele tem de intenção de voto. Ele tem 31% de intenção de voto e 42% de gente que acha que ele está fazendo o que pode. Ou seja, no fundo, nesse momento a gente vive uma circunstância em que o presente gerou uma expectativa nas pessoas. O que a gente não sabe é se essa expectativa gerada vai virar euforia, porque o dinheiro vai chegar, as benesses vão chegar, a gasolina vai baixar e as pessoas vão se animar com isso, ou se isso vai virar frustração. Se virar euforia, a projeção que a gente faz é que ele consiga tirar entre 4 e 5 pontos de intenção de voto do Lula nos próximos dois meses. Se virar frustração, a gente projeta que a vitória do Lula no primeiro turno vira realidade.

**– Daí o desespero do governo de levar para o segundo turno. A virada seria possível?**

– Eu não sei se seria possível, mas é bom lembrar que Bolsonaro pode ser o primeiro presidente da história do Brasil que disputa a reeleição e chega em segundo lugar. Se a gente olhar para o Fernando Henrique, Lula e Dilma, os três que disputaram reeleições até aqui chegaram... Não só estavam na frente nas pesquisas o tempo todo ou a maior parte do tempo e, segundo, foram para o segundo turno... No caso do FHC já ganhou logo no primeiro. Mas Lula e Dilma chegaram no segundo turno na frente. Bolsonaro vai ser o primeiro, pelo que as pesquisas estão indicando hoje, que tem chance de chegar em segundo lugar. Então, isso é muito diferente do que a gente está acostumado, de modo que o presidente tem que fazer ações um pouco mais "ousadas", digamos assim, do que outros. Ele está jogando com as armas que

pode para pelo menos tentar levar o jogo para o segundo turno.

– **Com base no que a gente conhece da realidade das eleições, nenhum presidente é eleito sem ter arranque nos quatro maiores colégios eleitorais: São Paulo, Rio, Minas, e Bahia. A última rodada de pesquisas da Quaest mostra que Lula já teve situação mais confortável em três dos quatro colégios. Por que esses três colégios são decisivos?**

– O Sudeste tem duas características fundamentais em qualquer lógica de geografia eleitoral. Muita gente não ideológica, ou seja, muita gente que muda de voto, que muda de opção dependendo da opinião e das condições do jogo eleitoral. É onde você tem grandes eleitorados afetados por muita informação e podem, justamente por esse efeito, mudar de opinião ao longo do tempo. A gente viu isso acontecer. Então, por que eu fiz essa análise da diferença ao longo do tempo entre Lula e Bolsonaro? É importante a gente entender o seguinte: se a gente olha para a história, o PT sempre ganhou com muito voto de frente na Bahia e me parece que isso vai acontecer de novo. O PT vai ter uma votação para presidente muito vantajosa na Bahia. No Rio, o PT de 2002 pra cá, tirando a eleição de 2018 – a eleição de 2018 foi uma exceção –, o PT ganhava com margem pequena. Em Minas, tirando a eleição de 2018, o PT também ganhou com margem um pouco maior do que essa. Mas em São Paulo, o PT não vence desde 2002. Então, vamos colocar em perspectiva.

Neste momento, Lula está ganhando em São Paulo, mesmo que a diferença esteja diminuindo. Está ganhando em Minas por diferença parecida com aquela que o PT ganhou em 2002, 2006, 2010 e 2014. E está empatando no Rio,

numa tendência parecida com o que aconteceu em 2006, 2010, 2014. Ou seja, o eleitorado brasileiro, com o aproximar da eleição, parece que vai constituindo o mesmo estilo de voto, uma mesma maneira de se comportar que é provavelmente o PT perdendo o estado de São Paulo, o que seria normal. Um empate do Lula em São Paulo já é uma vitória porque desde 2002 ele não ganha lá.

Esse resultado, se a gente põe em perspectiva histórica, dá uma vitória para o Lula com certo con-

## SE VOCÊ PERGUNTA PARA AS PESSOAS: OLHA QUAL O PRINCIPAL PROBLEMA QUE O BRASIL TEM HOJE? VOCÊ VAI OUVIR EM PRIMEIRO QUE É A ECONOMIA

forto. Por isso que era importante olhar para esses quatro estados e ver essa diferença. Isso porque, no fundo, as coisas parecem estar voltando ao seu normal. O anormal está sendo hoje o Lula vencer em São Paulo. Isto é muito diferente do que a gente viu historicamente.

– **Isso é resultado da insatisfação geral das pessoas? É a economia que está afetando dramaticamente o voto de Bolsonaro? A sensação de piora da vida das pessoas...**

– O principal preditor de voto hoje

é a economia. Se você pergunta para as pessoas: olha qual o principal problema que o Brasil tem hoje? Você vai ouvir duas respostas. A primeira é a economia. E por economia estou falando de uma mistura de inflação, desemprego e crise... Falta de crescimento. Quando você olha em quem essas pessoas estão votando, é quase uma diferença de 30 pontos pró-Lula. Aí você vai para um outro lugar, que é "o principal problema do Brasil é a violência", pouca gente fala isso, mas para quem acha isso, Bolsonaro está ganhando. Pra quem diz que "o principal problema do Brasil é a corrupção", também é pouca gente, 10% dos eleitores, mas o Bolsonaro vence aí. Então, se a gente computa o resultado final, a economia e as questões sociais como um todo têm um papel muito maior do que corrupção e violência, o que mostra que vai ser determinante na eleição deste ano a percepção das pessoas de curto e longo prazo de quem é capaz de resolver o problema econômico. Acho que isso está no centro do debate sobre a eleição que está se aproximando.

– **Há um temor da eventual ascensão do Bolsonaro... Seria um fato inédito, a 70 dias das eleições, o presidente se recuperar a ponto de superar a rejeição, que bate em 55%.**

**Como você enxerga isso?**

– É improvável que aconteça essa recuperação... Olhando só para os números, olhando para o cenário... Pesquisa não é prognóstico, pesquisa é diagnóstico. A gente só olha para o momento. A gente não sabe o que vai acontecer lá na frente. É bom dizer isso, mas de fato seria... É improvável que haja uma mudança absurda no quadro e que, a não ser que uma segunda facada aconteça, sei lá, uma coisa externa... Mas em um cenário de temperatura normal e pressão, as coisas tendem a ser ruins para o

presidente. Mas a gente só pensa isso por um motivo: esta é uma eleição de dois presidentes. Bolsonaro está disputando a eleição contra o Lula, um nome testado, conhecido, que tem qualidades e defeitos reconhecidos na população. Então, uma mudança nos 70 dias que faltam é mais difícil. Tem que aparecer algo muito inédito para que o eleitor que hoje está votando no Lula deixe de votar nele. Esse que talvez seja o maior desafio que Bolsonaro enfrenta. Tem que ganhar a eleição da pessoa sobre quem tudo o que podia ser dito de bom ou ruim já foi dito.

– **Daí o fracasso da “terceira via”?**

– A terceira via fracassou, na minha avaliação, por dois motivos: primeiro, disputou a eleição em 2022 como se estivesse em 2002. Eleição hoje em dia é uma guerra sem fim, é uma disputa que é construída na guerra de narrativas diariamente. Quando a terceira via, lá atrás, fragmenta-se e não se organiza em torno de um nome forte, abre espaço para que o eleitor se disperse e passe a olhar para os dois polos, os dois grandes nomes: Lula e Bolsonaro. O segundo movimento equivocado da terceira via foi essa incapacidade que se manteve por muito tempo de coordenação e que foi aos poucos deixando soldados na guerra. Quer dizer, hoje a terceira via tem mais ex-candidato do que candidato. O outro, é que a terceira via nunca discutiu os assuntos brasileiros. A terceira via discutia assuntos marginais ao povo. Aquilo que interessa à população não era assunto para a terceira via. Então foi passando o tempo, foi passando o tempo e as pessoas perceberam que a disputa de fato ia se dar em torno de Lula e Bolsonaro e foram se organizando lá. E, por incrível que pareça, a 70 dias da eleição, ao contrário do que é normal em processos eleitorais brasileiros, mais de 75% dos brasileiros que

votam em Lula e Bolsonaro dizem que não vão mudar de jeito nenhum. Isso é inédito.

– **E nos estados? Há algum fato que pode ser uma surpresa?**

– Vamos analisar essa pergunta sob a ótica das intenção de voto espontânea. Na pesquisa nacional, 40% dos brasileiros não declara voto em ninguém ainda para presidente. Nas eleições dos estados, 85% em média, não sabe em quem votar na espontânea.

## A TERCEIRA VIA FRACASSOU PORQUE DISPUTOU EM 2022 COMO SE ESTIVESSE EM 2002. E NUNCA DISCUTIU OS ASSUNTOS BRASILEIROS

Então, se por um lado a gente está vivendo uma realidade em que a polarização nacional está basicamente dada, nos estados, tudo pode acontecer, inclusive, a influência nacional sobre os pleitos. Por exemplo, se a gente olha com cuidado, [Romeu] Zema e [Alexandre] Kalil, [Fernando] Haddad e Tarcísio [de Freitas], ACM [Neto] e Jerônimo [Rodrigues] e Cláudio Castro e [Marcelo] Freixo são a representação estadual da disputa nacional.

Ou seja, em todos os quatro grandes colégios eleitorais, a dis-

puta que está se apresentando é muito mais possível de replicar a lógica nacional do que o inverso. Você pode ter o Rodrigo Garcia surpreendendo em São Paulo? Pode. Mas é isso. Do ponto de vista de surpresa, é o que pode acontecer. O resto está mais ou menos dada a polarização. Agora, se o Zema vai continuar como está na frente ou se ele não vai ganhar, depende da capacidade do Kalil de discutir o estado, de se apresentar como candidato a governador e da força que o Lula vai ter nessa eleição de transferir voto. Parece que a força dele em Minas é alta.

No caso do Freixo no Rio, é um pouco mais difícil. Por quê? Porque o Lula tem mais dificuldade de transferir votos no Rio do que em Minas. Em São Paulo, é mais difícil ainda. Lá é um lugar onde a terceira via tem mais apelo. Então, os quadros estaduais, para mim, estão polarizados.

– **E a popularidade digital? É um elemento fundamental nesse processo eleitoral?**

– Sou um defensor de que a popularidade digital é um indicador fundamental para entender o comportamento das pessoas, tanto que mensuro isso diariamente. Por quê? Porque a popularidade digital, no fundo, é uma variável proxy, que representa o nível de mobilização e engajamento de um eleitorado. E eleição não é um evento racional, é um evento muito emocional. Então, se você consegue criar ondas digitais de mobilização e engajamento nas últimas horas, dias da eleição, você consegue mexer principalmente com esse eleitor menos ideologizado, o eleitor menos firmado - falando de posição -, um sentimento de querer ir com quem está ganhando, de querer ir com quem ele está vendo, com o que está mobilizando mais. E, para minha surpresa, confesso, hoje o ex-presidente Lula e o Bolsonaro

conseguem duelar quase em pé de igualdade no ambiente digital, o que é uma grande surpresa, dado que na eleição de 2018, a distância do Lula era enorme.

#### – A eleição desperta paixões.

– As eleições de 2022 serão as primeiras eleições em que a sociedade brasileira estará polarizada afetivamente, no maior nível histórico que a gente já viveu. O que significa isso? De 1994 a 2002, a polarização que a gente identificava no Brasil era política. Ou seja, os partidos políticos estavam antagonizando uma disputa, mas a sociedade não estava polarizada. Depois da eleição de 2006 até 2014, a gente viu essa polarização política transbordando e virando polarização social. A gente começou a ver alinhamentos de segmentos da sociedade votando diferente, homens votando diferente de mulheres, pretos votando diferente de brancos, o Norte votando diferente do Sul e por aí vai. Mas a partir de 2018, a gente percebeu o que a gente chama de começo de polarização afetiva. Quando os eleitores passam a se ver em campos antagonísticos como inimigos e não como adversários mais.

E isso tem uma consequência grave: a violência e o autoritarismo. Então, chegamos em 2022 num nível tão alto de polarização afetiva, que hoje, quando a gente faz pergunta em pesquisa se o seu filho estiver noivo de uma pessoa que pensa politicamente diferente de você, você aprova ou reprova esse casamento? Mais de 80% dos brasileiros dizem que reprovam. E, essa radicalização é maior entre lulistas do que entre bolsonaristas. Ou seja, lulista não quer saber de jeito nenhum de filho se casando com bolsonarista. O bolsonarista não quer, mas tolera um pouco mais. Isso é para mostrar o nível de polarização que chegamos. Se a gente não entender que é na afetividade que está a disputa

deste ano, a gente não consegue entender o grau em que vai se dar a briga eleitoral. Não é mais sobre branco e preto, vermelho e amarelo, azul e vermelho. Não. É sobre visão de mundo.

#### – Então o bolsonarismo veio para ficar como fenômeno político?

– Acho. Porque há hoje um setor importante da sociedade brasileira que se identifica, do ponto de vista de grupo, como bolsonarista. É uma parcela significativa da população que pensa igual e que

## O CONGRESSO TENDE A SER MAIS CONSERVADOR DO QUE O ATUAL PORQUE USOU INSTRUMENTOS DE ORÇAMENTO PARA CONSTRUÇÃO DE BASES ELEITORAIS

descobriu com a emergência do Bolsonaro, que havia outras pessoas que pensavam iguais a elas. Durante muito tempo esse grupo ficou constrangido de defender suas opiniões porque não conseguia encontrar gente parecida para criar um grupo. Bolsonaro conseguiu linkar essas identidades grupais. Hoje se veem como um grupo identitário, que, para mim, vai existir para além do Bolsonaro como pessoa física. Eles vão sempre buscar disputar eleições para influenciar o poder a partir da visão que têm da sociedade.

#### – Como isso vai se refletir nas eleições para o Congresso?

– Pouca gente tem prestado atenção no Congresso, o que eu acho um equívoco. Se a gente quiser entender o Brasil, a gente não pode esquecer que a Constituição foi toda feita como uma Constituição parlamentarista e na última hora houve uma mudança. Para quê? Porque não aceitavam passar o poder para o Ulysses [Guimarães], e aí, “olha, vamos trocar isso e vamos fazer dessa Constituição uma presidencial”, mas a estrutura parlamentarista foi mantida, de poder. Bastou o Congresso perceber, como Eduardo Cunha, que podia mandar na agenda, para que o Congresso tomasse uma preponderância muito maior do que o Executivo. Desde Eduardo Cunha com as emendas impositivas, agora com o orçamento secreto, o Congresso não perdeu mais poder. Pelo contrário, só aumentou seu poder. Se a gente quiser entender para onde o Brasil vai, do ponto de vista de reforma, de legislação, mais ou menos progressista, conservador, a gente tem que entender o Congresso.

Dito isso, tem três elementos que são novos: o fim das coligações, o fundo público eleitoral e o orçamento secreto, que eu acho que terão um papel enorme sobre os resultados do próximo Congresso. Me parece que vai se aumentar a taxa de reeleição, principalmente, dos deputados que mantêm uma agenda particularista, de distribuição de recursos, porque eles nunca tiveram tanto dinheiro num momento em que a sociedade nunca foi tão pobre como está sendo agora. Então, acho que o Congresso tende a ser mais conservador do que o atual porque usou melhor os instrumentos de orçamento para construção de bases eleitorais particularistas no Brasil empobrecido. •



**ISOLAMENTO** No Palácio da Alvorada, Jair Bolsonaro se dirige ao encontro de diplomatas para atacar a democracia

# ISOLADO, ELE AFRONTA A NAÇÃO

O presidente da República volta à ofensiva contra as urnas eletrônicas, atacando a Justiça Eleitoral e pondo em dúvida a lisura do processo eleitoral perante embaixadores de outros países. O vexame, contudo, não basta. Bolsonaro cometeu crimes em série e passível de impeachment. A sociedade reage aos ataques

**N**ão há precedentes para a gestão de Jair Bolsonaro à frente da Presidência da República. Apesar da responsabilidade direta pelas 670 mil mortes na pandemia, pelos 33 milhões de brasileiros com fome e 40 milhões de trabalhadores vivendo na informalidade, ele agora protagoniza um novo vexame internacional. Diante de 70 embaixadores estrangeiros, mentiu, alegando que a eleição presidencial de 2018 foi fraudada – a qual ele se

saiu vitorioso – e sinalizando que não aceita sair da cadeira presidencial, caso seja derrotado nas urnas em outubro.

Embora a apresentação de Bolsonaro não seja nova – ele vem repetindo tais alegações há meses – seu público era. Bolsonaro prometeu que compartilharia evidências que mostrariam fraude nas duas últimas eleições presidenciais. Mentiu. Durante 47 minutos, mentiu descaradamente – em rede pública de televisão – apontando uma sabotagem inexistente às urnas eletrônicas.

A oposição reagiu prontamente e, na terça-feira, apresentou notícia-crime contra o presidente. Bolsonaro foi acusado de praticar crime contra as instituições democráticas, crime eleitoral, crime de responsabilidade, de propaganda eleitoral antecipada e de improbidade administrativa. O caso está no Supremo Tribunal Federal.

“As Forças Armadas, cujo comandante-chefe sou eu... ninguém quer mais estabilidade em nosso país do que nós”, disse. Perante diplomatas, Bolsonaro também reiterou críticas aos ministros

do Supremo, sugerindo que favorecerão Lula. “As pessoas que devem favores a eles não querem um sistema eleitoral transparente”, acusou. “Eles insistem o tempo todo que, depois que os resultados das eleições forem anunciados, seus chefes de Estado precisam reconhecê-los.”

Curioso é que as urnas eletrônicas foram adotadas pela primeira vez em 1996 e desde então jamais houve acusações de fraude ou violação do sigilo do voto. Neste período, Bolsonaro foi eleito durante seis eleições consecutivas para a Câmara dos Deputados. Nunca alegou que tinha sido roubado.

O *New York Times* descreveu em reportagem que muitos diplomatas que compareceram ao evento no Palácio da Alvorada ficaram abalados com a apresentação. O temor é que Bolsonaro esteja preparando as bases para uma tentativa de contestar os resultados da votação, caso venha a ser derrotado, o que parece evidente a julgar pelas pesquisas eleitorais. Seu principal adversário, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva estaria em condições de ganhar as eleições no primeiro turno, de acordo com os principais institutos de opinião.

O ataque de Bolsonaro gerou uma onda de repúdio, atingindo inclusive parcelas das instituições do Estado que até então vinham mantendo silêncio sobre os abusos do presidente. O presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Edson Fachin, foi o primeiro a reagir, e disse que quem ataca a eleição “semeia antidemocracia”. “É hora de dizer basta à desinformação e basta ao populismo autoritário”, bateu.

O TSE divulgou no mesmo dia uma lista de 20 refutações às declarações de Bolsonaro e Fachin, as chamou de “negação eleitoral inaceitável”. O presidente do

Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG) também rejeitou as alegações de Bolsonaro, dizendo que não havia “justa causa ou razão” para questionar a eficácia do processo eleitoral. “O Congresso Nacional, cuja composição atual foi eleita sob o moderno sistema eleitoral, tem a obrigação de afirmar à população que as urnas eletrônicas darão ao país uma representação fiel dos desejos do povo, sejam eles quais forem”, disse.

Na quarta-feira, 20, 33 dos 71 subprocuradores-gerais que atuam na Procuradoria Geral da República (PGR) afirmaram em nota que é crime de responsabilidade “utilizar o poder federal para impedir a livre execução da lei eleitoral”. E apontara que também configuram crimes de responsabilidade, afirmam os subprocuradores, “servir-se das autoridades sob sua subordinação imediata para praticar abuso do poder, subverter ou tentar subverter por meios violentos a ordem política e social, incitar militares à desobediência à lei ou infração à disciplina e provocar animosidade entre as classes armadas, ou delas contra as instituições civis”.

A menos de 75 dias da eleição, Bolsonaro parece emular o plano de Donald Trump, que tentou a todo custo desacreditar o processo eleitoral e agora está às voltas com uma investigação sobre sua participação e responsabilidade na tentativa de invasão do Congresso dos EUA, ocorrida em 6 de janeiro do ano passado.

Autoridades dos Estados Unidos e da Europa disseram ter fé no sistema eleitoral brasileiro. O presidente Joe Biden enfatizou a importância de respeitar as instituições democráticas em seu encontro com Bolsonaro em junho, em Los Angeles, durante reunião na Cúpula das Américas. •

## SOCIEDADE CIVIL REPUDIA ATAQUE DO PRESIDENTE

O vexame de Jair Bolsonaro diante de embaixadores estrangeiros desencadeou uma onda de reações contrárias. Transmitidos ao vivo pela TV Brasil, uma emissora pública, os ataques ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e a ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) foram rechaçados por instituições, entidades sociais e políticos, após o eloquente silêncio dos embaixadores ao fim do encontro.

Outra vítima das calúnias, Luiz Inácio Lula da Silva também foi às redes sociais para lamentar o deprimente espetáculo do Palácio do Planalto. “É uma pena que o Brasil não tenha um presidente que chame 50 embaixadores para falar sobre algo que interesse ao país. Emprego, desenvolvimento ou combate à fome, por exemplo. Ao invés disso, conta mentiras contra nossa democracia”, afirmou.

Também em nota, a Associação dos Juizes Federais do Brasil (Ajufe) manifestou “apoio irrestrito” ao TSE e seus ministros e ministras. “Como vem acontecendo em todas as eleições prévias, reafirma-se a certeza de que o resultado da vontade popular será respeitado”, afirma o texto.

O grupo de advogados Prerrogativas considerou a reunião “da mais alta gravidade” e lembrou que a defesa do Estado Democrático de Direito “exige atitudes enérgicas”. “A PGR e os demais Poderes da República não devem mais se calar ante tantos e tão graves ilícitos praticados pelo presidente”. •



**PORTA VOZ** Price disse que sistema brasileiro é modelo para outras nações

# A CASA BRANCA REAGE AO ATAQUE NO ALVORADA

Departamento de Estado dos EUA diz que sistema eleitoral brasileiro é 'modelo para nações' e rechaça as insinuações do Palácio do Planalto. Embaixada britânica também repudia

**N**ão caiu bem em Washington o circo armado por Jair Bolsonaro no início da semana para atacar o sistema eletrônico de votação brasileiro diante de representantes da comunidade internacional. Na quarta-feira, 20, o porta-voz do Departamento de Estado dos Estados Unidos (EUA), Ned Price, disse que o sistema eleitoral brasileiro é "modelo" para outras nações.

"Eleições vêm sendo realizadas pelo capacitado e já testado sistema eleitoral brasileiro e pelas instituições democráticas com sucesso por muitos anos. Então, é um modelo para nações não apenas neste hemisfério, mas além", disse Price.

No dia anterior, a Embaixada dos Estados Unidos divulgou nota à imprensa apontando que

o processo eleitoral no país é exemplo a ser seguido e que as eleições brasileiras "servem como modelo para as nações do hemisfério e do mundo".

O presidente não gostou. Assessores palacianos reclamaram que a nota acabou sendo uma "descortesia" com Bolsonaro. Ao mesmo tempo, reconheceram que a posição do governo Joe Biden sobre o sistema eleitoral brasileiro é amplamente conhecida - e contrária às investidas de Bolsonaro no tema.

Price acrescentou que os EUA são um "parceiro democrático do Brasil" e acompanharão as eleições brasileiras em outubro "com grande interesse". A expectativa, destacou o porta-voz, é de que as eleições "serão conduzidas de maneira livre, justa e confiável, com todas as instituições relevan-

tes agindo sob a regra constitucional". Em junho, segundo divulgado pela imprensa, o próprio presidente norte-americano, Joe Biden, disse a Bolsonaro que confia nas instituições eleitorais brasileiras.

Na terça-feira, 19, o senador Fabiano Contarato (PT-ES) protocolou um requerimento para a convocação do ministro das Relações Exteriores, Carlos França, na Comissão de Relações Exteriores do Senado, para prestar esclarecimentos sobre a reunião. A convocação, explicou o senador, é "para que ele esclareça se é o chanceler do país ou um animador de plateia golpista: o ministro tem sérias explicações para dar aos brasileiros após o circo de Bolsonaro na reunião com embaixadores".

Na quinta-feira, a Embaixada do Reino Unido reafirmou a confiança no sistema eleitoral brasileiro e na "força da democracia" do país. No comunicado, a instituição diz que o sistema e as urnas se mostraram seguras em eleições passadas e têm reconhecimento internacional "por sua celeridade e eficiência". E concluiu: "Quem for escolhido pela nação brasileira poderá contar com o governo britânico para fortalecer as relações bilaterais e a amizade entre os dois povos".

No início de julho, seis deputados democratas apresentaram emenda à lei de orçamento de Defesa de 2023 que exige uma investigação sobre a suposta interferência das Forças Armadas brasileiras nas eleições de outubro e a possibilidade de um golpe de Estado no Brasil. A proposta pede que no máximo em 30 dias, em caso de aprovação da emenda, o Secretário de Estado apresente ao Congresso um relatório "sobre todas as ações tomadas pelas Forças Armadas do Brasil, com relação às eleições presidenciais marcadas para outubro de 2022. •

# MAIS UM VEXAME INTERNACIONAL

Bolsonaro despreza a Nação e deslegitima a democracia brasileira, ao convocar embaixadores para atacar a urna eletrônica. E cometeu mais um crime de responsabilidade, dentre muitos outros, inclusive eleitoral e contra a administração pública

**Reginaldo Lopes**

Bolsonaro continua a praticar crimes contra a Nação brasileira. O encontro promovido por ele com embaixadores estrangeiros, no dia 18 de julho, para tentar deslegitimar o processo eleitoral brasileiro, mostrou seu desespero diante da perspectiva real de derrota para o ex-presidente Lula. Mas revelou também seu desprezo pelas instituições e pela própria imagem do Brasil no cenário internacional, ao reunir diplomatas estrangeiros acreditados em Brasília para falar mal de seu próprio país. Foi um delirante e constrangedor discurso.

A oposição na Câmara dos Deputados (PT, PSOL, PCdoB, PDT, Rede Sustentabilidade, PSB e PV) ingressou no dia 19, no Supremo Tribunal Federal (STF), com uma notícia-crime contra Bolsonaro. No vexaminoso encontro, ele praticou crime contra as instituições democráticas, crime eleitoral, crime de responsabilidade, de propaganda eleitoral antecipada e ainda cometeu ato de improbidade administrativa.

Foi um crime transmitido ao vivo na rede de televisão pública TV Brasil, da EBC. Crime de lesa-pátria ou de traição contra o povo brasileiro, agora previsto expressamente no Código Pe-



nal, introduzido pela recém promulgada Lei 14.197/2022, que revogou a antiga Lei de Segurança Nacional, criando o Título XII, dos crimes contra o Estado Democrático de Direito.

Nosso sistema eleitoral é de um dos mais

respeitados do mundo e desde 1996, quando foram inauguradas as urnas eletrônicas, Bolsonaro se elegeu deputado federal ininterruptamente. Em 2018, foi eleito presidente da República, além de ter três filhos na política eleitos pelo mesmo sistema. Portanto, é uma farsa falar mal das urnas ou uma tentativa de justificar a iminente derrota que vai sofrer em outubro, causando instabilidade no país.

Diferentes forças democráticas no Brasil, num espectro que vai de Lula, imprensa e Judiciário à Presidência do Senado e à Associação de Diplomatas Brasileiros, já se pronunciaram contra o deplorável e dantesco espetáculo de Bolsonaro frente aos embaixadores.

Até o governo dos Estados Unidos emitiu nota em defesa da democracia e do sistema eleitoral brasileiro, reafirmando que o Brasil, nesse campo, deve ser visto como um modelo pelos demais países. Os EUA, tão citados pelos direitistas brasileiros,

esperam que as instituições brasileiras ajam de acordo com seu papel previsto na Constituição durante as eleições de outubro.

Além de expor negativamente a imagem do Brasil no exterior, Bolsonaro ainda ameaçou o Estado Democrático de Direito ao insinuar que não aceitará um resultado nas eleições que não lhe seja favorável. Entre as atribuições da Presidência da República elencados no artigo 84 da Constituição Federal não está o de se imiscuir em questões relacionadas às eleições, estas de competência da Justiça Eleitoral, conforme estabelece todo o arcabouço legal vigente.

Enfim, Bolsonaro praticou também crime de responsabilidade, por atentar “contra o livre exercício do Poder Legislativo, do Poder Judiciário, do Ministério Público e dos Poderes constitucionais das unidades da Federação”. Deve ser punido também por incitar, publicamente, “animosidade entre as Forças Armadas, ou delas contra os poderes constitucionais, as instituições civis ou a sociedade”.

A democracia e o direito de o povo brasileiro escolher livremente seus dirigentes, pelas urnas eletrônicas, estão muito acima dessa armação antidemocrática. •

Economista, é deputado federal por Minas Gerais e líder do PT na Câmara dos Deputados.



# REJEIÇÃO A BOLSONARO EM ALTA

Pesquisas mostram que a condução da economia pelo governo do ex-capitão continua a ser um problema para o sonho da reeleição do presidente. No Sudeste, que concentra 41% do eleitorado, a desaprovação é superior a 51%

**Matheus Tancredo Toledo**

**A** rejeição ao bolsonarismo continua alta, de acordo com as pesquisas mais recentes divulgadas pelos institutos de opinião. Aqui, aprofundamos o tema tratado no artigo anterior – o anti-bolsonarismo –, e atualizamos os dados da corrida eleitoral com base na pesquisa mais recente, divulgada pelo instituto Ideia Big Data em parceria com a revista Exame.

O levantamento do Ideia Big Data, realizado entre 15 e 20

de julho, com 1.500 entrevistas telefônicas, traz Lula liderando em intenções de voto na simulação de primeiro turno feita pelo instituto, com 44%. Houve uma variação negativa de um ponto percentual em relação à pesquisa anterior.

Na sequência, vem Bolsonaro com 33% – 4 pontos a menos –, Ciro Gomes com 8% – um a mais –, Simone Tebet com 4% – um a mais – e André Janones com 2%. Outros candidatos chegaram no máximo a 1%. Considerando a margem de erro de três pontos, não houve variação acima dos limites da margem de erro. É ne-

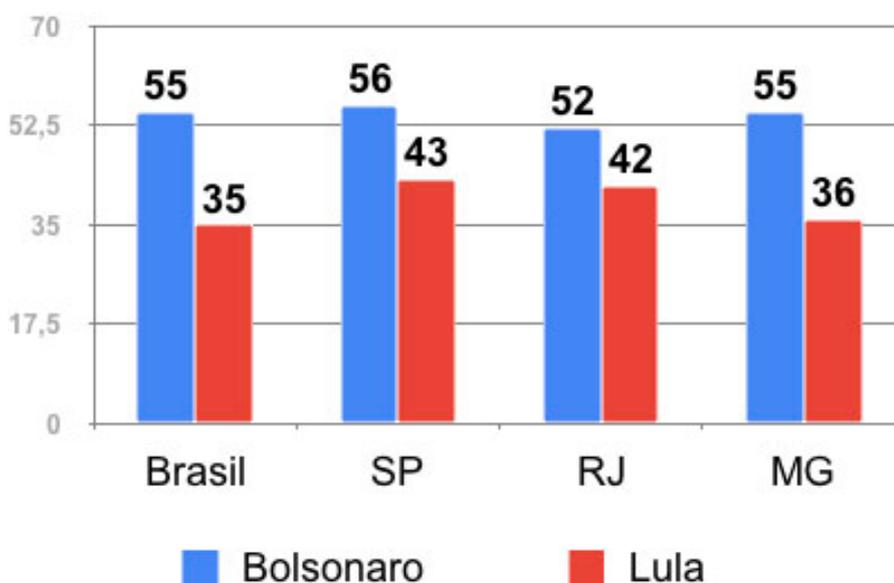
cessário aguardar os próximos levantamentos para verificar se a queda de Bolsonaro é uma tendência. Na simulação de segundo turno, Lula teria 47% contra 37% de Bolsonaro.

No número anterior da Focus Brasil, demonstramos que o componente econômico é o grande impulsionador da rejeição eleitoral ao presidente Jair Bolsonaro. Aqueles que declaram que não votariam no candidato do PL ‘de jeito nenhum’ o fazem pela má condução da economia pelo governo federal.

Ao olhar para os dados da pesquisa Datafolha divulgada no

## Rejeição aos candidatos no Sudeste

Dados da última pesquisa Datafolha



começo de julho, é possível estabelecer alguns parâmetros para avaliar como essa rejeição se distribui nas cinco regiões do Brasil. Considerando as pesquisas estaduais que o instituto divulgou no mesmo período, é possível perceber tal questão de forma ainda mais aprofundada na região Sudeste, visto que o Datafolha divulgou pesquisas em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

A rejeição a Bolsonaro, que é de 55% no Brasil segundo o instituto, é de 55% no Sudeste, 62% no Nordeste, 51% no Sul, 43% no Centro-Oeste e 54% no Norte. À exceção do Centro-Oeste, em todos os estados mais da metade dos eleitores se recusa a votar em Bolsonaro.

A rejeição de Lula, que é de 35% na média nacional, chega a 43% no Centro-Oeste e 40% no Norte, 37% no Sudeste, 39% no Sul - as últimas duas com empate na margem de erro, de dois pontos percentuais, em comparação com a média nacional. No Nordeste, somente 25% não votariam no ex-presidente de jeito nenhum.

Em três dos grandes colégios

eleitorais do país, segundo o Datafolha, a rejeição a Bolsonaro também alcança mais da metade da população. Em São Paulo, 56% dos eleitores não votariam no atual presidente de jeito nenhum, número que é de 55% em Minas Gerais e 52% no Rio de Janeiro. Já Lula possui rejeição semelhante à nacional em Minas (36%) e número mais elevado no estado de São Paulo (43%) e no do Rio (42%). Os três estados concentram, de acordo com os dados mais recentes divulgados pelo TSE, 63.785.959 eleitores - cerca de 41% do total do país.

Os números esmiuçam o desafio que o governo tem para os próximos 70 dias: reduzir sua rejeição. Em especial, nos maiores colégios eleitorais, ao ponto de tornar sua candidatura competitiva para a tentativa de reeleição. As pesquisas deste próximo período responderão se as medidas puramente eleitoreiras do governo federal surtirão o efeito desejado por Bolsonaro. •

Cientista político com mestrado na PUC-SP, é analista do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo.

## EM MINAS, KALIL ESTÁ CRESCENDO

Pesquisa realizada pelo Real Time Big Data para o governo de Minas, divulgada na quinta-feira, 21, mostra o governador Romeu Zema (Novo) com 44% das intenções de voto, seguido pelo ex-prefeito de Belo Horizonte Alexandre Kalil (PSD), com 33%.

Apesar da diferença grande, outros institutos mostravam um quadro muito diferente. No início de julho, o Datafolha realizou pesquisa com resultados que mostravam Zema vencendo no primeiro turno, com 48%. Naquele levantamento, Kalil surgia com 21%. Apoiado por Lula, Kalil está crescendo.

No levantamento Real Big Time, o terceiro colocado na corrida pelo governo mineiro é o senador Carlos Viana (PL) aparece em terceiro lugar, com 8%. Ele é o candidato do presidente Jair Bolsonaro. Depois dele, estão Marcos Pestana (PSDB), com 2%; Lorene Figueiredo (PSOL), com 1%; e Vanessa Portugal (PSTU), com 1%.

Branco ou nulo somaram 6% dos eleitores. Outros 5% não sabem ou não quiseram responder em quem vão votar. A pesquisa Real Time Big Data foi registrada no Tribunal Superior Eleitoral (STE) sob o número MG-05124/2022. Foram entrevistadas por telefone 1500 pessoas entre os dias 19 e 20 de julho. A margem de erro é de 3 pontos percentuais para mais ou para menos. Os dados têm 95% de nível de confiança. •



**NA TERRA NATAL** Lula fala à multidão em Serra Talhada, numa viagem emocionante ao estado de Pernambuco

# LULA PROMETE O FIM DA FOME

Na visita ao estado de Pernambuco, o ex-presidente lembra da infância sofrida, das lições de Dona Lindu e de que é possível sonhar com dias melhores para o povo brasileiro

**A** viagem de Lula ao estado de Pernambuco, onde nasceu e de onde partiu para construir uma das mais impressionantes histórias de um líder político, na última semana, foi marcante e repleta de simbolismo. O ex-presidente passou por Serra Talhada, Garanhuns – onde visitou uma réplica da casa que viveu na infância em Caetés – até chegar ao Recife, onde cumpriu uma agenda de encontro com artistas e fez um grande comício. Acompanhado do candidato Geraldo Alckmin, que integra sua chapa, Lula prometeu acabar com a fome que atinge 33 milhões de brasileiros, durante sua visita à região onde nasceu há 76 anos.

“Esse é um compromisso que eu quero ter com vocês, essa cidade vai comer três vezes por dia de novo”, disse o candidato do PT, em ato político no município de Garanhuns. “Eu nasci em Caetés e eu fui comer pão pela primeira vez aos 7 anos de idade. Eu vim para São Paulo 70 anos atrás para não morrer de fome, não foram poucas as vezes que minha mãe não tinha comida para colocar no fogo. Eu olhava no semblante da minha mãe e ela nunca perdia a esperança. Ela falava: ‘Hoje não tem, mas amanhã vai ter’. E essa crença... Essa crença me formou”, disse Lula sobre a mãe, emocionado.

Quando Lula tinha 5 anos de idade, conheceu o pai, que migrara para São Paulo quando a mulher ainda estava grávida. Dois

anos depois, Dona Lindu e os oito filhos passariam 13 dias e 13 noites viajando de pau de arara para o Sudeste. Anos depois, em 2003, ele se tornaria presidente da República, responsável por tirar 36 milhões de pessoas da miséria, levar água para o sertão e tirar o país do Mapa da Fome. Foi inspirado no exemplo de Dona Lindu que o sonho de um Brasil para todos e todas se tornou realidade.

“Eu sei que é o sofrimento, eu quando vejo uma pessoa na rua eu sei o que essa pessoa está passando. Quando eu vejo uma mulher com criança na calçada pedindo esmola, eu sei o que ela está passando. Então, é essa causa que me move na política”, disse o ex-presidente, durante entrevista à rádio Super, de Minas Gerais.



**LEMBRANÇAS** Lula visita réplica da casa em que viveu em Caetés, junto com a mãe, Dona Lindu, e os irmãos, de onde partiu há anos para São Paulo

O fogão a lenha, o chão de terra batida, o colchão de palha, o candeeiro e os móveis de madeira ajudam a compor o cenário de como era a vida na região na década de 1950, quando a família se mudou para São Paulo em um pau de arara. O projeto da casa, uma homenagem idealizada pelo PT de Pernambuco, teve início em maio e substitui uma réplica feita no início dos anos 2000 e que não resistiu à ação do tempo.

Na noite de quinta-feira, 21, ao encerrar sua viagem a Pernambuco, Lula assumiu o compromisso de, se voltar a ser presidente do Brasil, cuidar e garantir que os mais pobres tenham oportunidade de melhorar de vida. "O que o pobre precisa é ter oportunidade igual para competir por um emprego", disse.

O ex-presidente estava ao lado de José Paulo, pernambucano que, após viver em situação de rua na infância, melhorou de vida com a ajuda dos programas sociais sociais criados por Lula e se formou médico graças ao ProUni. "A gente não quer tirar nada de ninguém", prosseguiu Lula para uma multidão de 13,5 mil pessoas.

"A gente não quer que o rico fique pobre, mas a gente também

não quer ficar pobre, porque ninguém gosta de ser pobre. Então, o que a gente tem que fazer? Criar oportunidade, dar para todo mundo igualdade", disse.

Discursando antes de Lula, o ex-governador Geraldo Alckmin mostrou afinidade. "Por que estamos aqui? Porque o Brasil precisa. Para salvar a democracia, o Brasil precisa: volta, Lula! Para recuperar a economia, o emprego, acabar com a inflação, voltar a esperança, o Brasil precisa: volta, Lula! Para salvar a educação, a saúde, o meio ambiente, o Brasil precisa: volta, Lula!", disse.

O evento no Recife serviu para Lula declarar apoio às pré-candidaturas de Danilo Cabral (PSB), ao governo do estado, e Teresa Leitão (PT), ao Senado. Ambos declararam seu compromisso com a democracia e a justiça social.

Também estavam presentes e discursaram o governador Paulo Câmara (PSB); a vice-governadora Luciana Santos (PCdoB); o prefeito do Recife, João Campos (PSB); o senador Humberto Costa (PT-PE); o presidente nacional do PSB, Carlos Siqueira e outros dirigentes políticos da aliança Vamos Juntos pelo Brasil. •

## MDB ANUNCIA APOIO EM 11 ESTADOS

O MDB deve marchar com a chapa presidencial formada por Lula e Alckmin em pelo menos 11 estados. O anúncio foi feito por dirigentes da legenda. Ao chegar à sede da Fundação Perseu Abramo, em São Paulo, na terça-feira, 19, o senador Renan Calheiros (MDB-AL) foi abordado pela imprensa e se posicionou a favor de que o seu partido passe a integrar a aliança com Lula já no primeiro turno.

Da mesma forma se posicionou o governador de Alagoas, Paulo Dantas. Foram aproximadamente cinco horas de reunião, todos os presentes declararam a importância do apoio à candidatura do ex-presidente Lula diante das ameaças que Jair Bolsonaro vem fazendo contra o sistema eleitoral, além da incitação à violência.

Estiveram os senadores Eduardo Braga (AM), Veneziano Vital do Rego (PB), Rose de Freitas (MG), Renan Calheiros (AL) e Marcelo Castro (PI). Também compareceram os ex-senadores Eunício Oliveira (CE), Garibaldi Alves Filho (RN), e Edison Lobão (MA) e o ex-deputado Leonardo Picciani (RJ).

Além destes, o senador Jader Barbalho (MDB-PA) e o governador do Pará, Helder Barbalho, já haviam declarado apoio ao ex-presidente Lula na semana anterior. Pelo PT participaram Lula, a deputada e presidenta da PT, Gleisi Hoffmann, o coordenador do programa de governo e presidente da Fundação Perseu Abramo, Aloizio Mercadante, e o deputado federal, José Guimarães, que é também o coordenador do Grupo de Trabalho Eleitoral do partido. •



## PARTICIPAÇÃO POPULAR

# PARA UM NOVO TEMPO

Plataforma lançada na internet recolhe 13 mil propostas, encaminhadas por setores da sociedade e anônimos, ansiosos por ajudar no programa de governo da chapa Lula-Alckmin

**A** Frente Juntos pelo Brasil, que concorre às eleições com Lula como candidato a presidente e Geraldo Alckmin como vice, conseguiu construir – em tempo recorde – o maior processo participativo para um programa de governo da história do Brasil. Lançada em 20 de junho, uma plataforma digital disponibilizou ao público o documento Diretrizes do Programa de Reconstrução e Transformação do Brasil, fruto de um processo de debates entre os

sete partidos que constituem a frente, e recebeu propostas e sugestões pela internet.

Na última semana, encerrou-se o prazo para o envio de sugestões e comentários e o balanço impressiona pela adesão e pela qualidade das contribuições. Em quatro semanas, o site recebeu mais de 13 mil propostas ao todo, uma média de 500 por dia. Ao longo desse período, foram mais de 277 mil acessos à plataforma, entre pessoas que efetivamente escreveram propostas, que baixaram o texto com as diretrizes ou que par-

ticiparam lendo as notícias e as sugestões online. O texto completo das diretrizes foi baixado por mais de 14 mil vezes.

De acordo com Eduardo Tadeu, coordenador da plataforma, dentre o conjunto de propostas recebidas, 15% foram sobre direitos humanos, 12% sobre educação, 7% sobre saúde e o eixo “Nova estratégia nacional de desenvolvimento justo, solidário, sustentável, soberano e criativo” representou 5% do total.

“Havia como que um represamento de uma vontade de partici-

par, de fazer chegar ao Lula ideias sobre como reconstruir o Brasil”, aponta Tadeu. “Nos primeiros dias, eram mais de mil propostas individuais por dia. Depois, percebemos um movimento mais organizado e amadurecido, vindo sobretudo de movimentos sociais, coletivos e comitê populares de luta, que elaboravam sua intervenção de outra forma. Nesses dois últimos dias, quando as pessoas foram lembradas do prazo de encerramento, novamente houve um boom de acessos e sugestões”.

Ao longo da primeira etapa de escuta e recebimento de contribuições, as propostas foram sendo categorizadas e sistematizadas para serem incorporadas no programa de governo. “Aqueles mais amplas e elaboradas, mais gerais, depois de passarem por uma comissão de sistematização e redação, serão incorporadas no programa de governo que, por lei, todo candidato tem que registrar e apresentar junto do TSE quando sua candidatura é homologada”, explica.

As demais, algumas mais específicas e pontuais, explica o coordenador, serão encaminhadas para as equipes que vão fazer a transição entre novembro e janeiro, no caso muito provável de vitória. De acordo com Tadeu, o processo participativo, até agora, surpreendeu pela disponibilidade, disposição e vontade de cidadãos brasileiros de dar sua opinião, de parar para dizer o que elas pensam sobre o Brasil tal como está nesse momento e se projetarem para uma possibilidade de transformá-lo”.

É nesse sentido que Tadeu também assinala que a experiência da plataforma Juntos pelo Brasil não apenas foi uma ferramenta importante de aferição dos debates, reflexões e bandeiras históricas dos mais diversos movimentos sociais, mas também foi “um instrumento de mobilização, que refletiu a

agenda das redes sociais e da sociedade”, aglutinada em torno da necessidade urgente de mudar, transformar e reconstruir o Estado brasileiro no rumo da diminuição das desigualdades, do combate à pobreza e ao desemprego.

Apesar dos riscos de ataques de hackers e do discurso de ódio que são mais facilmente disseminados pelo anonimato da internet, Tadeu afirma que o processo acabou sendo mais tranquilo do que se imaginava de início. “Estabelecemos regras claras, ou seja, condições para aceitar as propostas: quaisquer sugestões que embutissem traços de machismo, racismo, homofobia, capacitismo, gordofobia eram descartadas”, relata.

Tadeu esclarece que, entre os outros critérios, além de não poder conter preconceito ou ofensas de nenhuma espécie, não eram aceitas sugestões que representassem nenhum tipo de retrocesso em direitos humanos já conquistados e direitos humanos de maneira geral. “A proposta tinha que ser, de fato, constituir uma contribuição ao programa de governo. Por mais que no meio aparecessem também mensagens de apoio ao Lula e à chapa, a maioria das que recebemos eram muito bem intencionada, na direção de construir o debate”, detalha.

Tadeu elenca os pontos que, em sua avaliação, foram os mais importantes dessa primeira etapa do processo participativo: “Em primeiro lugar, a existência da oportunidade de opinar e contribuir foi muito bem recebido, ou seja, foi clara a vontade de participação. É importante frisar que nenhuma ideia vai ser perdida: o processo de participação social continuará depois de encerrar o prazo de contribuições.” Por fim, o coordenador assinala que isso vai ser decisivo depois das eleições: “O debate fomenta a governabilidade e a defesa do governo”. •



## CONFIRMADA A CHAPA LULA E ALCKMIN

A Federação Brasil da Esperança, formada pelo PT, PCdoB e PV, aprovou em convenção a chapa Lula-Alckmin, na segunda-feira, 18, em São Paulo. A chapa Lula-Alckmin foi aprovada por unanimidade dos presentes: 16 dos 18 membros da executiva da federação. A decisão foi precedida pelas convenções dos partidos PCdoB, PT e PV. A convenção do PT também aprovou por unanimidade a chapa Lula-Alckmin.

A presidenta nacional do PT, deputada federal Gleisi Hoffmann, foi quem conduziu a reunião. Ela afirmou que a coligação do Movimento Vamos Juntos Pelo Brasil (com PT, PCdoB, PV, PSB, Psol, Rede e Solidariedade) foi formalizada, mas ainda pode receber outros partidos que se interessarem em fazer parte.

“Aprovamos a nossa coligação de sete partidos, mas também delegamos à Executiva Nacional da federação poderes para discutir com outros partidos que possam querer integrar”, explica. “Falamos sobre a importância da construção da unidade do campo político que representamos. É muito importante que a gente tenha esse movimento na política dos democratas, dos progressistas”. •



## EXEMPLO PARA O MUNDO

Em evento reunindo especialistas, a chapa Vamos Juntos pelo Brasil traça uma estratégia para a política ambiental: estabelecer uma economia padrão carbono zero. Isso restabelecerá a sustentabilidade como compromisso do governo brasileiro

**V**isto e tratado pelo atual governo como um entrave, a preservação do meio ambiente e sua apropriação de forma sustentável será uma oportunidade para o Brasil, num futuro governo Lula, realizar um feito inédito na história do planeta: uma economia padrão carbono zero.

Eis um resumo possível do debate Diretriz estratégica e transição ecológica, que reuniu na noite de 20 de julho especialistas e militantes da causa ambiental, na série Diálogos pelo Brasil. Realizada pela frente Vamos Juntos pelo Brasil, os diálogos são transmitidos pela página da coligação na internet.

“Que bom poder debater o Brasil, vamos combinar. Há quan-

to tempo a gente está só na resistência? Poder sonhar e pensar o Brasil que a gente quer realmente é um privilégio”, afirmou Ana Toni, do Instituto Clima e Sociedade, durante sua participação, dando o tom do encontro.

Esse Brasil, completou Ana, terá reinício com a eleição da chapa Lula-Alckmin, em que haverá espaço para que a sociedade civil participe, apresentando propostas e ajudando o governo a tomar as iniciativas corretas.

Se o Brasil conseguir combinar desenvolvimento econômico com proteção ambiental, vendendo as riquezas naturais uma oportunidade de novos negócios e geração de emprego e renda sustentáveis, fará algo que os outros países ainda não fizeram.

Na defesa do meio ambiente,

logo de início, o futuro governo precisará revogar medidas e instrumentos legais adotados desde o Golpe de 2016 que estão ajudando a devastar os biomas brasileiros. Algo como o “revogaço” pleiteado pelos povos indígenas e prometido por Lula por ocasião do acampamento Terra Livre, em abril deste ano.

Mas só isso não bastará, na opinião de Suely Araújo, do Observatório do Clima. Ex-presidenta do Ibama, Suely lembra que a revogação não traz de volta o arcabouço institucional anterior. “Será preciso editar novas normas, e isso vai dar muito trabalho”, aponta. Para ela, os primeiros 100 dias de governo serão decisivos. O tamanho do desmonte executado pelo bolsonarismo fez das regras apenas letras mortas.

“Hoje as multas ambientais provocam risadas nos desmatadores, é mais fácil e lucrativo deixar crescer”, citou.

Outra proposta apresentada por Suely, e apoiada pelos demais participantes, é que o futuro governo estabeleça que o Plano Safra só vai conceder financiamentos a projetos que se comprometam com o Programa Agricultura de Baixo Carbono (ABC), instituído pelo governo Lula ainda em 2010. “Este será um sinal político importante e muito forte”, frisou João Paulo Capobianco, que atuou no Ministério do Meio Ambiente na gestão Marina Silva e hoje coordena o Instituto Democracia e Sustentabilidade.

“Deverá ser uma medida com prazo de transição, para que o setor agropecuário se adapte. Mas precisa ser feito”, completou Capobianco. Essa sinalização, disse o ambientalista, é importante para mostrar que o governo não adotará medidas paliativas, e sim de longo prazo e decisivas. “Temos que mudar estruturalmente para que não venha outro governo horroroso como este e desmonte tudo”, completou.

Na perspectiva de proteção ambiental como fonte de desenvolvimento econômico, o deputado federal Camilo Capiberibe (PSB-AP) destacou a proposta de criação de um órgão ou empresa estatal que fomente e coordene projetos econômicos sustentáveis. “Seria algo na linha do BN-DESPar, um organismo que canalize iniciativas ambientalmente responsáveis”, explicou Capiberibe, que já foi governador do Amapá. Ele citou como exemplos de projetos nessa linha as cooperativas que têm gerado iniciativas criativas como o vinho de açaí. “Devemos aprimorar tecnologias e impulsionar empreendimentos”, disse.

“Desenvolver e proteger o

meio ambiente não é fácil. Mas se há um país que tem condições de fazer isso, é o Brasil: recursos naturais, diversidade, saberes tradicionais e conhecimentos modernos”, sentenciou Ana Toni.

Para isso, será preciso, na opinião da especialista, atentar para alguns pontos como uma reforma tributária que tenha a questão ambiental e a transição econômica para um modelo ecológico como princípios.

O setor elétrico precisará ser modernizado, tendo metas de descarbonização rumo à taxa zero de carbono. Para a especialista, isso terá reflexos decisivos para o desafio da reindustrialização brasileira e o planejamento das áreas urbanas, outra prioridade.

Os debatedores concordaram que as metas e medidas ambientais precisam ser prioridade de todas as ações e dos planos de todos os ministérios de um governo de reconstrução. Como ocorreu nos governos Lula e Dilma no combate ao desmatamento.

O Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia Legal (PPCDAm) era responsabilidade e parte das ações de 13 diferentes ministérios e seus órgãos vinculados. Em função disso, em 2014 o Brasil atingiu o menor nível de desmatamento da história da Amazônia: 4.800 km<sup>2</sup>.

Outra frente de ação deverá ser um processo educacional, do ensino fundamental ao superior, que retire o meio ambiente do gueto e o coloque em destaque.

A próxima Conferência das Partes da ONU sobre mudanças climáticas está marcada para novembro deste ano, no Egito. Até lá, apostam os participantes do Diálogos, Lula terá sido eleito e o futuro governo poderá emitir outro sinal político: solicitar que a COP seguinte, de número 28, seja sediada no Brasil. •

## DESMATAMENTO TEM MAIOR ALTA

A Amazônia viveu no primeiro semestre de 2022 a maior destruição da sua floresta em 15 anos. De janeiro a junho, foram derrubados 4.789 km<sup>2</sup>, quase 20% a mais do que no mesmo período do ano passado – quando a região já havia tido uma explosão no desmatamento. Essa área equivale a duas vezes o território de Palmas, a nona maior capital brasileira.

Os dados são do Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD) do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), que monitora a floresta por imagens de satélite desde 2008. Apenas em junho, foram derrubados 1.429 km<sup>2</sup>, área semelhante ao território da cidade de São Paulo.

Em comparação com o mesmo mês do ano passado, quando foram destruídos 926 km<sup>2</sup>, a devastação cresceu 54% em 2022. Com isso, a Amazônia também teve o pior junho em 15 anos.

A derrubada da floresta contribui para o agravamento das mudanças climáticas, que está relacionado com a maior frequência e intensidade de fenômenos extremos como secas e chuvas fortes. O alerta é de Larissa Amorim, pesquisadora do Imazon.

Segundo a avaliação do Imazon, a tendência para os últimos seis meses do ano é de que a destruição siga em ritmo acelerado. Isso pela continuidade do período seco na região até outubro, o chamado “verão amazônico”, quando a ação de derrubada da floresta se torna mais fácil do que nos meses da estação chuvosa. •



DINHEIRO VIVO PF apreendeu R\$ 1,3 milhão em espécie na casa de empresário. Bolsonaro agora admite corrupção

# CORRUPÇÃO NA CODEVASF

Operação investiga esquema na estatal comandada por afilhado do Centrão e apreende R\$ 1,3 milhão em dinheiro vivo. Bolsonaro agora admite que podem encontrar alguma falcatrua no governo

**F**altando pouco mais de dois meses para a eleição, o governo Jair Bolsonaro virou alvo na quinta-feira, 21, de uma nova operação de combate à corrupção, desta vez com foco em fraudes e desvios de recursos públicos na Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf).

A empresa estatal está nas mãos do Centrão e o presidente é Marcelo Moreira, engenheiro baiano e ex-funcionário da Odebrecht, indicado em 2019 pelo deputado Elmar Nascimento (DEM-BA), com respaldo do então ministro da Secretaria de Governo, Luiz Eduardo Ramos, hoje chefe da Casa Civil.

Ainda na quinta, o presidente admitiu a apoiadores que "se procurar, vai achar alguma coisa", fazendo referência à possíveis casos de corrupção no seu governo. "Quer ver uma coisa? Ministério

do Desenvolvimento Regional tem mais de 20 mil obras, será que está tudo certinho? Vai achar alguma coisa", disse.

Antes, Bolsonaro costumava negar que exista corrupção em seu governo. No mês passado, o ex-ministro da Educação Milton Ribeiro foi preso sob a suspeita de irregularidades na liberação de verbas da pasta.

No caso da Codevasf, a estatal recebeu bilhões de reais em emendas parlamentares nos últimos anos e passou a atuar não apenas em projetos de irrigação no Nordeste, mas também obras de pavimentação e entrega de maquinário. A empresa passou a atuar em regiões fora do vale do rio São Francisco.

Ao todo, a PF cumpriu, em diferentes cidades do Maranhão, 16 mandados de busca e um de prisão, que teve como alvo o empresário Eduardo José Barros Costa,

conhecido como "Imperador" e apontado como "líder" do grupo criminoso. Segundo os investigadores, foram apreendidos mais de R\$ 1,3 milhão em dinheiro vivo na residência do empresário.

Costa tem ligação com a construtora maranhense Construservice. A empresa, segundo denúncia da *Folha de S.Paulo* é vice-líder em licitações na Codevasf. Desde 2019, o governo já destinou à empreiteira ao menos R\$ 140 milhões.

Em nota, a Polícia Federal disse que a investigação constatou a existência de um "engenhoso esquema" de lavagem de dinheiro, a partir do desvio de verbas de licitações fraudadas. A Polícia Federal também apontou que Costa, além de colocar as suas empresas e bens em nome de terceiros, ainda possui contas bancárias vinculadas a CPFs falsos, •



Reprodução/Instagram

**CRIME POR MOTIVO FÚTIL** Assassino de Marcelo Arruda, o agente penitenciário federal Jorge Guaranho pode ser condenado a até 30 anos de prisão, caso venha a ser condenado por homicídio duplamente qualificado

## ASSASSINO DE MARCELO É DENUNCIADO NA JUSTIÇA

Agente penitenciário federal, o bolsonarista Jorge Guaranho agora é réu por homicídio duplamente qualificado. A Justiça do Paraná aceitou a denúncia do crime oferecida pelo Ministério Público

A Justiça do estado do Paraná acatou a denúncia-crime do Ministério Público e tornou réu por homicídio duplamente qualificado o bolsonarista Jorge Guaranho pelo assassinato do tesoureiro do PT, Marcelo Arruda. A decisão foi proferida na quarta-feira, 20, pelo juiz Gustavo Germano Francisco Arguello. Marcelo Arruda foi covardemente assassinado a tiros pelo agente penitenciário federal no sábado, 9, em sua festa de aniversário.

Na sentença, o juiz avalia o motivo de Guaranho como fútil, decorrente de “preferências político-partidárias antagônicas”. Além disso, o juiz ressalta que o

réu colocou a vida de mais pessoas em risco ao atirar contra Marcelo Arruda. O juiz determinou que Guaranho seja notificado e que deve apresentar defesa em até dez dias. Se condenado, Guaranho pode pegar entre 12 e 30 anos de prisão pelo assassinato de Marcelo Arruda.

“Apesar de a jurisprudência majoritária dos tribunais superiores entender que a decisão de recebimento da denúncia não exige fundamentação, cumpre observar, de modo sucinto, que o caderno investigatório possui a presença de indícios suficientes de autoria e prova de materialidade do crime tipificado no art. 121, § 2º, inciso II e III, in fine, do Código Penal, bem como

que restam preenchidos os requisitos do artigo 41 do Código de Processo Penal, razão pela qual recebo a denúncia oferecida em desfavor de Jorge José da Rocha Guaranho”, escreve Arguello na decisão.

Apoiador de Bolsonaro, Guaranho publicava nas redes sociais diversas mensagens de apoio ao presidente da República e seus aliados. Em uma das publicações, ele é visto ao lado do deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP), filho do ex-capitão do Exército.

Guaranho invadiu a festa de Marcelo Arruda, enquanto o tesoureiro do PT em Foz do Iguaçu comemorava o seu aniversário de 50 anos em festa temática do PT que homenageava o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O atirador invadiu a festa gritando “aqui é Bolsonaro” e “mito” e baleou o guarda municipal.

No último domingo, 17, o responsável pela vigilância das câmeras de segurança da Associação Recreativa Esportiva Segurança Física de Itaipu (Aresf), em Foz do Iguaçu (PR), onde acontecia a festa, na noite do assassinato do petista Marcelo Arruda, foi encontrado morto. A principal suspeita é que Claudinei Coco Esquarcini, de 44 anos, tenha tirado a própria vida.

Conforme investigação da Secretaria de Segurança do Paraná, Claudinei seria o “responsável pelo fornecimento de senhas” das câmeras de segurança na Aresf e teria sido por meio dele que Jorge José Guaranho, que foi flagrado atirando contra Arruda, teria tido acesso as imagens da festa com tema sobre Lula e o Partido dos Trabalhadores, que ocorreu no dia 9 de julho em celebração ao aniversário de Marcelo Arruda. •

# MAIS UM MASSACRE NO RIO

Operação da polícia no Complexo do Alemão deixa 18 mortos, com moradores recolhendo corpos e apelando ao governador do Rio, Cláudio Castro: “Nós queremos paz!”

**U**ma operação policial na quinta-feira, 21, contra membros de gangues no maior complexo de favelas do Rio de Janeiro, deixou pelo menos 18 pessoas mortas em uma das batidas mais mortíferas que a cidade viu recentemente. A ação provocou críticas e manifestações no Complexo do Alemão, contra a violência policial. O caso ganhou enorme repercussão internacional.

As autoridades do Rio disseram que 16 suspeitos de crimes foram mortos em confrontos com a polícia no Complexo do Alemão, junto com um policial e uma mulher. Um porta-voz da polícia disse que a operação tinha como alvo um grupo criminoso que roubava carros e bancos e invadia bairros próximos.

Vídeos que circulam nas redes sociais mostraram intensos tiroteios entre criminosos, bem como um helicóptero da polícia voando baixo sobre as pequenas casas de tijolos. A polícia do Rio usou helicópteros para atirar em alvos, mesmo em áreas residenciais densamente povoadas, e o vídeo mostra tiros sendo disparados da favela contra a aeronave.

No local do ataque, repórteres da Associated Press viram moradores carregando cerca de 10 corpos enquanto espectadores gritavam: “Queremos paz!” Moradores disseram que aqueles que tentaram ajudar os feridos corriam o risco de serem presos.

“É um massacre lá dentro, que a polícia está chamando de operação”, disse uma mulher, falando sob condição de anonimato porque teme represálias das autoridades.

Silvia Inziquiero/AP



**VIOLÊNCIA** No Complexo do Alemão, operação policial resulta em 18 mortos

des. “Eles não estão nos deixando ajudar (vítimas)”, disse. Ela declarou que viu um homem ser preso por tentar fazê-lo.

Um porta-voz da polícia do Rio disse que alguns dos criminosos usavam uniformes para se disfarçar de policiais. “Eu preferiria que eles (os suspeitos) não tivessem reagido e então poderíamos ter prendido 15, 14 deles. Mas infelizmente eles optaram por atirar em nossos policiais”, disse Ronaldo Oliveira, investigador da polícia carioca.

O governador do Rio, Cláudio Castro, lamentou a morte do policial. “Continuarei a combater o crime com todas as minhas forças. Não vamos desistir da missão de garantir a paz e a segurança ao povo do nosso estado”, disse Castro, no Twitter.

Mas muitos discordam da estratégia do governo para combater a violência e o crime organizado,

uma abordagem que vê regularmente operações policiais mortais. Uma batida na favela Vila Cruzeiro, no Rio, em maio, matou mais de 20 pessoas.

A comunidade do Alemão é um complexo de 13 favelas no norte do Rio, que abriga cerca de 70.000 pessoas. Quase três quartos deles são afro-brasileiros, de acordo com um estudo de julho de 2020 publicado pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas.

No início deste ano, ao Supremo Tribunal Federal estabeleceu uma série de condições para a polícia realizar batidas nas favelas do Rio como forma de reduzir as mortes e violações dos direitos humanos. O tribunal ordenou que a força letal seja usada apenas em situações em que todos os outros meios tenham sido esgotados e quando necessário para proteger a vida. •



**FOME** Insegurança alimentar das crianças se agravou no governo Bolsonaro

# DESNUTRIÇÃO ATRASA EVOLUÇÃO INFANTIL

Especialistas apontam que a crescente insegurança alimentar no país está prejudicando o desenvolvimento infantil. A desnutrição pode impactar diretamente na evolução do cérebro das crianças

Com aproximadamente 43,2% da população brasileira sofrendo em algum nível de insegurança alimentar, as crianças são as mais atingidas pela fome que assola o país. Segundo especialistas, a desnutrição, além de atrasar o desenvolvimento infantil em todas as fases do crescimento, pode impactar diretamente na evolução do cérebro.

O pesadelo da volta do Brasil ao Mapa da Fome pode comprometer a vida das crianças brasileiras pelas próximas gerações. Isso porque, durante os primeiros anos de vida, o cérebro evolui muito rapidamente e para que ele se desenvolva saudavelmente é preciso uma boa nutrição.

Em entrevista à BBC Brasil, a professora do departamento de Saúde Pública da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC), Márcia Machado, alerta para o impacto na evolução do cérebro infantil diante da desnutrição. Ela integra o Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância.

“O cérebro de uma criança se desenvolve de uma forma muito intensa no período que vai da gestação até os 5 anos de idade e a desnutrição pode ter impactos profundos nesse processo, em casos mais graves ou de privação longa até irreversíveis”, alerta.

Na última pesquisa do Índice Geral de Preços (IGV), o valor dos alimentos acelerou e o leite, ali-

mento considerado fundamental na nutrição das crianças, foi o que mais subiu: 16,30%. A coleta de dados, realizada entre 11 de junho e 10 de julho, mostra o cenário desesperador que as famílias brasileiras enfrentam ao tentar comprar alimento.

Médicos alertam para os primeiros 1 mil dias de vida, período que vai do início da gravidez até os 2 anos, como fase crucial para o desenvolvimento físico e mental do ser humano. “Muitos estudos mostram que a privação de alimentos enfrentada pela mãe pode repercutir tanto no crescimento quanto no desenvolvimento da criança, pois o sistema neuronal necessita de eletrólitos, proteínas, vitaminas e outras substâncias para ser ativado”, ressalta Márcia.

Coordenadora Nacional do Setorial de Segurança Alimentar do PT, Adriana Aranha destaca os retrocessos desde o golpe contra a Dilma Rousseff, em 2016, que colocou o país de volta ao Mapa da Fome e desconstruiu políticas públicas que impulsionavam a economia do país e ajudava o povo brasileiro.

“A fome não iniciou na pandemia, mas antes, desde o processo do golpe, quando acabaram com o Ministério de Desenvolvimento Agrário, com o programa Fome Zero e o Conselho Nacional de Segurança Alimentar no Brasil, e isso trouxe consequências”, denuncia.

“Não temos recursos para nenhuma cisterna no semiárido. Os programas de aquisição da agricultura familiar foram desconstruídos, os restaurantes populares, as cozinhas comunitárias. Os municípios ficaram à própria sorte, sem nenhum apoio do governo federal para o que já tinha conseguido tirar o Brasil do Mapa da Fome. É uma vergonha o que estamos vivendo hoje”, lamenta Adriana Aranha. •



**ACORDO PARA GOVERNAR** Eleito pelo Pacto Histórico, o novo presidente construiu aliança da esquerda à direita

# PETRO CONQUISTA MAIORIA

Congresso colombiano conta com coalizão de governo que permitirá ao presidente eleito ter maioria nas duas casas legislativas. Principais projetos são as reformas agrária e tributária

O presidente eleito da Colômbia, Gustavo Petro, tomará posse em 7 de agosto com um acordo que lhe permitirá aprovar leis no parlamento. Ele costurou acordos que permitirão ao novo governo alcançar uma maioria que inclui partidos de esquerda e direita. No Senado, Petro terá 63 das 108 cadeiras.

O acordo dos partidos que apoiarão o governo é integrado pelo governista Pacto Histórico, com 20 senadores; Aliança Verde com 8 cadeiras; o Partido Liberal com 14; Aliança Social Independente com 4, indígenas com 2 e os Comuns – partido formado por ex-combatentes das

Forças Armadas Revolucionárias de Colômbia (FARC) com 5. No último minuto, o Partido União pela Gente, ou Partido de la U, como é conhecido na Colômbia, juntou-se ao partido no poder.

“A bancada do Partido de la U decidiu ser uma coalizão de governo e apoiar os projetos apresentados pelo presidente eleito Gustavo Petro. Destina-se a reduzir a pobreza e a desigualdade; fortalecer a segurança alimentar e a implementação dos acordos de paz”, expressou em comunicado a comunidade de direita fundada em 2005 para apoiar o ex-presidente colombiano Álvaro Uribe. O partido tem 10 senadores e 15 deputados.

Na Câmara dos Deputados,

Petro também tem maioria: 110 das 188 cadeiras. Esta maioria é composta pelos 28 votos do Pacto Histórico, 33 do Partido Liberal, 15 da U, 13 legisladores que representam as vítimas do conflito armado, 12 da Aliança Verde, 5 dos Comuns, 1 da Força Cidadã, 1 para Gente em Movimento, 1 para os indígenas e outra para a cota afro.

O principal partido da oposição será o Centro Democrático do ex-presidente Gustavo Uribe. A legisladora María Fernanda Cabal disse ao La Silla Vacía que eles serão “um muro de contenção” para as propostas de Petro. O partido tem 13 senadores e 15 deputados. Juntando-se à oposição está o ex-can-

didato presidencial Rodolfo Hernández, que perdeu no segundo turno para o Petro. Ele assumirá o cargo de senador e disse que seu compromisso será “fazer oposição”.

O novo congresso foi eleito em 13 de março deste ano e ficará no cargo até 2026. Analistas apontam que é um parlamento mais colorido e equilibrado que os anteriores. E mostra um aumento na presença de mulheres: passou de 57 para 86 legisladoras.

Além disso, outro fato relevante ocorrerá na legislatura, que é a posse pela primeira vez de 16 representantes das vítimas do conflito armado colombiano. Isso se deve ao acordo de paz assinado entre o governo e as FARC em Havana em 2016.

Um dos primeiros projetos a serem discutidos no parlamento será a reforma tributária promovida por Petro. Além disso, há a necessidade de promover outros projetos, como reforma agrária e política.

Sobre o sistema tributário, o novo presidente do Senado, Roy Barreras, do Pacto Histórico, disse que sua modificação é “a prioridade absoluta” do novo governo. Acrescentou que, com base nessa reestruturação, esperam obter recursos para financiar programas sociais e outras reformas.

O presidente Iván Duque se opôs a esta iniciativa. “A menos que haja apetite para gastar muito mais, a Colômbia hoje não precisa se engajar em uma nova reforma tributária, que acaba afetando o clima de investimento que nossa nação tem hoje”, disse na terça-feira. reforma tributária que posteriormente teve que ser retirada devido aos protestos e mobilizações que ocorreram no país. •



**GURU** Steve Bannon é guru dos bolsonaros e estrategista da extrema-direita

## BANNON É CONSIDERADO CULPADO

Ex-assessor de Trump é condenado como resultado de uma das investigações sobre o ataque ao Capitólio em 6 de janeiro. Ele havia desafiado o Congresso Nacional

A situação de Donald Trump vai se complicando. Na sexta-feira, 22, Stephen Bannon, ex-assessor principal de Trump nos tempos da Casa Branca, foi condenado por duas acusações de desacato ao Congresso, meses depois de ter desafiado uma intimação para responder a perguntas do comitê da Câmara que investiga o ataque ao Capitólio em 6 de janeiro de 2021, numa tentativa de impedir Joe Biden de assumir o cargo. Bannon é guru da família Bolsonaro.

O veredicto de culpado veio após semanas de discursos acalorados de Bannon do lado de fora do tribunal federal em Washington, um longo processo de seleção do júri e um julgamento em que um juiz prometeu evitar que se tornasse “um circo político”.

A decisão chegou um dia depois que o vídeo de Bannon apareceu brevemente em uma audiência pública do comitê da Câmara que havia esnobado, enquanto os investigadores mostravam um clipe dizendo que Trump planejava declarar vitória

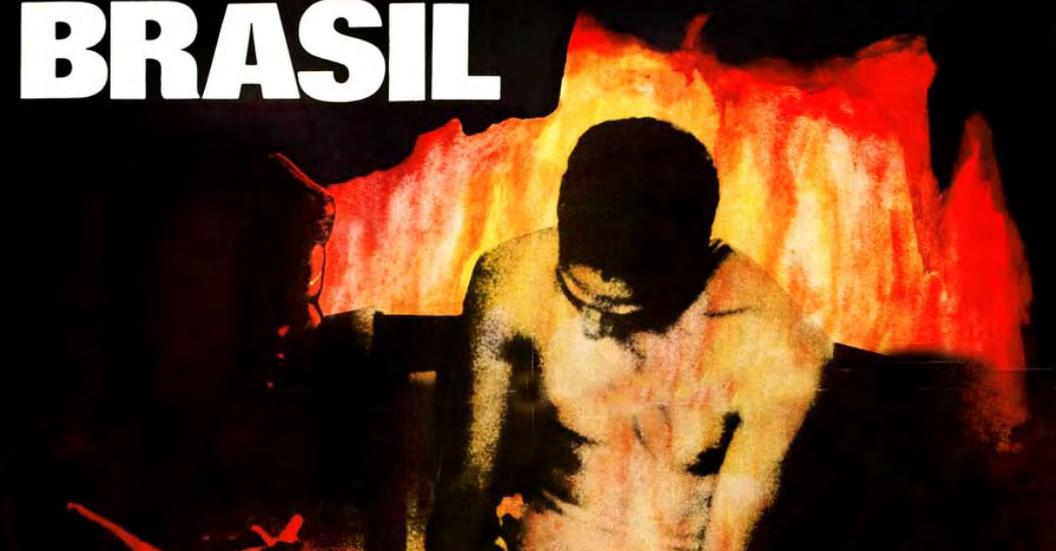
nas eleições de 2020, não importa o que acontecesse.

Embora Bannon tenha sido considerado culpado de um crime de processo de baixo potencial, sua condenação foi a primeira de um assessor próximo de Trump a resultar de uma das principais investigações sobre o ataque ao Capitólio. Outro ex-assessor de Trump, Peter Navarro, também foi acusado de desacato depois de desafiar uma intimação do comitê e deve ir a julgamento em novembro.

Bannon, que deixou a Casa Branca em 2017, foi indiciado em novembro passado. O desprezo ao Congresso é um crime de contravenção, com cada acusação punível com multa de até US\$ 1.000 e um máximo de 12 meses de prisão. Na época, a apresentação de acusações foi amplamente vista como um teste decisivo para saber se o Departamento de Justiça adotaria uma postura agressiva contra qualquer um dos principais aliados de Trump, enquanto a Câmara procura investigar as ações do ex-presidente e seu círculo íntimo antes e durante o ataque. •

Reprodução

# Contra la represión y las torturas en BRASIL



24 de julho de 1970

## TORTURAS DA DITADURA SÃO DENUNCIADAS À OEA

Em julho de 1970, enquanto a ditadura militar assombrava o Brasil, a Comissão Internacional de Juristas fez uma denúncia junto à Organização dos Estados Americanos (OEA) sobre a prática de torturas pelo regime brasileiro. Em um documento preparado a partir de relatos de vítimas de violações de direitos humanos, a organização registrou a existência de esquadrões da morte e classificou a situação no Brasil como de uma “guerra civil”.

As denúncias de torturas constituíam o maior problema da diplomacia brasileira sob a ditadura. O governo Médici atribuía as denúncias a uma “campanha para denegrir a imagem do Brasil no exterior”. Em nota oficial, a Presidência da Repúbli-

ca afirmou: “Não há tortura em nossas prisões. Também não há presos políticos. (...) Essa intriga, na sua desfaçatez, busca gerar discórdia entre nações democráticas, amigas e aliadas (...) Provêm, inequivocamente, de grupos esquerdistas”. As explicações não convenceram.

Na viagem de três dias que fez aos Estados Unidos no ano seguinte à denúncia, o presidente Emílio Garrastazu Médici cancelou o tradicional encontro de chefes de Estado estrangeiros com o Clube de Imprensa de Washington. O general não queria enfrentar as inevitáveis perguntas sobre tortura e repressão no Brasil, denunciadas pelo senador democrata norte-americano Edward Kennedy, entre outros.

### Outras datas históricas

**25/07/1700:** Nascimento de Tereza de Benguela, líder quilombola na cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, no atual estado de Mato Grosso. Sob sua liderança, a comunidade negra e indígena resistiu à escravidão por duas décadas.

**24/07/1900:** Nascimento de Maurice Dobb, em Londres, no Reino Unido. Ele se tornaria um influente economista marxista.

**24/07/1908:** Nasce no Recife Solano Trindade, poeta, pintor, ator, militante do movimento negro e do Partido Comunista.

**24/07/1918:** Nasce no Rio de Janeiro Antonio Candido, sociólogo, crítico literário e um dos maiores intelectuais brasileiros do seu tempo.

**22/07/1920:** Nascimento de Florestan Fernandes, em São Paulo, considerado o patrono da sociologia brasileira.

**26/07/1930:** Nascimento de Plínio de Arruda Sampaio, em São Paulo, advogado, intelectual e ativista brasileiro.

**26/07/1953:** Assalto ao Quartel de Moncada - Dia Nacional da Rebelião Cubana.

**28/07/1954:** Nasce em Sabana, na Venezuela, Hugo Chavez, que se tornaria presidente daquele país em 1999.

**23/07/1961:** Fundação da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) na Nicarágua.

**27/07/1979:** Nasce, no Rio de Janeiro, Marielle Franco, que se tornaria socióloga e líder política carioca. Ela seria assassinada em 14 de março de 2018.

**25/07/2009:** Os governos do Brasil e Paraguai anunciam a revisão do Tratado de Itaipu.

**26/07/2011:** Criação do programa Água para Todos no governo Dilma Rousseff.



26 de julho de 1990

## 11 MORTOS: CHACINA DE ACARI CHOCA O BRASIL

Em 26 de julho de 1990, 11 jovens, sete deles menores de idade, foram sequestrados por um grupo de homens identificados como policiais. Os meninos, moradores da favela de Acari, no Rio de Janeiro (RJ), passavam o dia num sítio no interior do estado.

Segundo a única testemunha do caso, Laudicena do Nascimento, os invasores exigiram dinheiro, jóias e o pagamento de resgate para a libertação do grupo. A senhora, então com 71 anos, e seu neto de 12 anos conseguiram fugir para o mato e escaparam do sequestro.

Após negociarem o resgate, os invasores colocaram os jovens numa Kombi. Os rapazes e moças nunca mais foram vistos. Seus corpos nunca apareceram. Muitos foram os indícios de que teriam sido executados por um grupo de extermínio policial autodenominado Cavalos Corredores.

A polícia, entretanto, insistiu na hipótese de confronto entre

grupos de traficantes. Surgiram denúncias de que os corpos dos jovens teriam sido enterrados na estrada de Petrópolis, levados para uma ilha ou até devorados pelos leões que um policial criava.

Em busca de justiça, as mães dos desaparecidos passaram a cobrar resultados das investigações, sempre inconclusivas. Ficaram conhecidas como As Mães de Acari. Uma das mais ativas, Edméia da Silva Eusébio, foi assassinada em 1993 em circunstâncias nebulosas. Em 2010, o crime da Chacina de Acari prescreveu sem que ninguém tenha sido condenado ou preso.

Em 4 de julho de 2022, o governo do Rio sancionou a lei em que o estado concede reparação financeira aos familiares das 11 vítimas da “Chacina de Acari”, a título de danos materiais e morais. A Lei nº 9.753 é de autoria do deputado André Ceciliano (PT).

26 de julho de 2011

## DILMA LANÇA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

O Ciência sem Fronteiras – iniciativa do governo federal que custeia intercâmbio para os brasileiros fora do país – foi lançado pela então presidenta Dilma Rousseff em 26 de julho de 2011. A ideia-motriz do programa era estimular a integração de nossa formação e produção acadêmica com o exterior, em especial nas áreas tecnológicas e inovadoras.

Outra meta do CsF era buscar atrair pesquisadores estrangeiros para se fixarem no Brasil ou estabelecerem parcerias com os pesquisadores brasileiros nas áreas prioritárias definidas pelo programa, além de criar oportunidades para que pesquisadores de empresas recebessem treinamentos especializados no exterior.

Fruto do esforço conjunto dos Ministérios da Educação (MEC) e da Ciência, Tecnologia e Inovação por meio de suas respectivas instituições de fomento – Capes e CNPq – e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC, o Ciência sem Fronteiras concedeu em quatro anos, mais de 101 mil bolsas, batendo a meta inicial do programa. Em 2017, Michel Temer acabou com o programa.

*Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para [memoria@fpabramo.org.br](mailto:memoria@fpabramo.org.br) [memorialdademocracia.com.br](http://memorialdademocracia.com.br)*



# ELVIS É ESPETÁCULO

O diretor australiano Baz Luhrmann encara a história de um dos maiores artistas da música norte-americana em filme longo e musicais memoráveis, apesar dos furos e romantização do rei

**Bia Abramo**

**Q**ue ninguém vá ao cinema ver “Elvis”, de Baz Luhrmann, esperando mais do que entretenimento de alta voltagem. O cineasta australiano que reinventou o musical para as platéias contemporâneas escolhe, conscientemente, fazer uma biografia cinematográfica às avessas, de maneira a contentar o maior público possível. Afinal, não há negócio como o negócio do show, do entretenimento.

Considerando a tendência recente das cinebiografias de astros da música pop, que abordaram personagens vivos ou mortos, como Elton John e Freddie Mercury, o filme de Luhrmann até que se destaca positivamente pela extravagância e pelas liberdades que toma com o roteiro. Biografias ex-

tensas, bem pesquisadas e com furos não cabem em obras ficcionais, mas em documentários ou livros. Para o cinema de grandes audiências, e que busca prêmios no Oscar, melhor mesmo é ficcionalizar.

Para isso, escala aquele que é um dos mais bem-sucedidos atores norte-americanos da atualidade. Tom Hanks encarna o Coronel Parker, o empresário que inventou e sacrificou ao mesmo tempo a carreira de Elvis Aaron Presley (1935-1977). É do ponto de vista de Parker, que, no filme, a audiência vai se encontrar com o jovem branco que cresce em bairro negro em Memphis, Tennessee, interpretado por Austin Butler, um ainda jovem ator vindo dos seriados de TV e descoberto para o cinema pelas mãos de cineastas do circuito mais independente, como Jim Jarmusch e Quentin Tarantino.

É uma espécie de jornada do herói às avessas, uma vez que, de cara, conhecemos os mecanismos de construção da imagem do herói pelo olhar daquele que o percebe como potência. Se estivéssemos no terreno mais simples da fantasia, estaríamos junto aos deuses que o ajudam ou atrapalham em sua jornada. Mas Luhrmann tem pressa de construir, em pouco mais dos 15 minutos iniciais do filme, um ambiente em que se destaca a ilusão (e não o mistério), a manipulação e a dependência entre criador e criatura.

O circo e a glamurização das aberrações, o parque de diversões, os espetáculos populares que combinam excitação e medo são a matéria prima de Parker, definido como antagonista e vilão desde o início. Ao mesmo tempo, temos um primeiro e lindo clipe (serão muitos) em que um Elvis

adolescente, vivendo num gueto pobre, encontra-se com a música e a dança, observando casais negros dançando blues de roupas e corpos colados e participando de uma missa, onde o gospel revela o transe do corpo pelo som.

No momento seguinte, no encontro de Parker e Elvis, o empresário, interessado numa nova atração para audiências jovens, vê um homem no final da adolescência que se apresenta com “cabelo de negro e maquiagem de menina” –, de terno rosa para uma plateia sentada que espera números comportados de música country, o estilo do brancos pobres do mundo rural norte-americano. O que ele testemunha é parte da história: garotas histéricas com o rebolado, o apelo sexual e a voz de Elvis.

Se há, por assim dizer, fidelidade mais canônica aos dados biográficos do artista estão concentrados nesse primeiro terço de filme. Mas Lurhmann, um diretor que costuma fazer elipses temporais e tomar liberdades estilísticas com qualquer que seja o material que se apresente, começa a operar a partir daí seu estilo.

Estreando em Hollywood depois de um triunfo em Cannes com “Strictly Ballroom”, com uma versão adolescente de um dos textos mais encenados de William Shakespeare, “Romeu e Julieta”, o australiano com gosto pelo exagero e pelo grand guignol até agora não tinha se aventurado por um personagem real. Em seu último filme, “Great Gatsby” (2013), centra num personagem clássico da literatura norte-americana e que teria sido inspirado num magnata do cinema. Mas o faz pela releitura do romance de F. Scott Fitzgerald.

O problema de lidar com Elvis, um sujeito que viveu sua breve vida sob os olhos do público e cuja morte 45 anos atrás ainda não é aceita por alguns fãs mais fanáticos, é que há tantos fãs (disco de 1959, quando ele tinha apenas

quatro anos de carreira, já apontava que “50 milhões de fãs de Elvis não podem estar errados”) e tantos donos de sua história que é preciso mais que suspensão de descrença para topar “Elvis”, o filme.

Se os números musicais são esplendorosos e conduzidos com muita graça por Butler e coadjuvantes, sobretudo nas suas voltas à comunidade negra do blues em Beale Street – a casa onde se apresentam nada menos que B.B. King (Kelvin Harrison Jr.), Sister Rosetta Tharpe (Yola), Big Mama Thornton (Shonka Dukureh) e Little Richard (Alton Mason), este em performance eletrizante – o mesmo, no entanto, não pode se dizer para a “politização” enfiada à fórceps, que toca nos temas do racismo e da luta pelos direitos civis, os assassinatos dos Kennedy, John e Bobby e o mal-estar americano na Guerra do Vietnã, sobretudo no período 1968-1973, quando os Estados Unidos começam a sofrer perdas que resultam em sua derrota.

Ao mesmo tempo, o contraste entre um Hanks crescentemente repugnante, moral e fisicamente, viciado em jogo e no dinheiro que Elvis produz para ele, e a sensualidade do cantor, ator e performer que fazia as mulheres atirarem calcinhas no palco, se revela com toda a qualidade que uma produção apuradíssima, figurinos que são réplicas exatas de vestimentas de palco crescentemente extravagantes (e cafonas, cá entre nós) e aquelas coreografias icônicas que tanto escândalo causavam na América conservadora perfeitamente reproduzidas.

Há muito que Lurhmann não faz cinema de autor ou nada parecido com isso. Desde o Oscar com “Moulin Rouge”, em 2001, sua especialidade é mesmo essa de criar musicais grandiloquentes, com um pé na cafonice e na estetização burlesca, recuperan-

do linguagens de palco distantes do conceito limpinho e arrumadinho que impera na indústria do cinema.

Nos filmes anteriores, ele se aproximou da trilha sonora da maneira pós-moderna, usando bandas mais contemporâneas – nos anos 1990, grunge para os amores venezianos do século 14; nos anos 2000, os delírios de absinto da Paris do século 19 se dão ao som de clássicos da dance music; enquanto a era do jazz do “Gatsby” se desdobra em rhythm'n'blues e rap dos anos 2000, com direito a Jay Z e Beyoncé.

Em “Elvis”, apesar das cenas incríveis com as canções que abordam de forma quase que excessivamente didática as influências dos rimos negros que desembocariam no rockabilly, no rock'n'roll, nas baladas românticas que fundaram o repertório de Elvis, ele não tinha outra saída. A não ser selecionar e editar um punhado de canções de forma a contar as guinadas de personagem do Elvis – “The pelvis”, rebelde, roqueiro, romântico, astro de cinema, showman de Las Vegas. E, ao mesmo tempo, criar números musicais na tela grande energéticos e dramáticos, deixando para trás a noção de fidelidade ou rigor também em relação ao conjunto da obra.

Tudo isso ressaltado, “Elvis” está arrebatando bilheterias por onde passa, exatamente por essa capacidade de falar com um público médio e, ao mesmo tempo, criar um público que ainda não existe, alavancar a base de fãs. E isso apesar de o filme deixar a desejar em termos de ritmo justamente no período decadente e mais conflituoso da relação Parker-Presley, bem como em nome da classificação indicativa, ameniza muito a relação do popstar com álcool e barbitúricos. Lurhmann, definitivamente, entende bem melhor da parte brilhante do que da obscura do roteiro. •

# ESTREIA DE NARRATIVA POTENTE

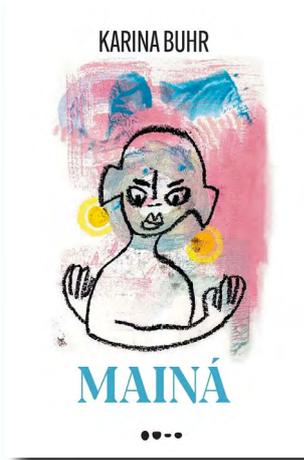
A cantora, compositora e atriz Karina Buhr lança romance e inova com história cheia de referências: tambores, cantos e falas do Recife

Bia Abramo

**O** que tinha ali naquelas águas do Recife entre o final dos anos 1980 e 1990 para ter criado uma cena cultural tão pujante e diversa já pertence à história. O manguêbit, a torre em torno da qual orbitavam roteiristas, diretores, atores e atrizes, videoartistas, jornalistas, intelectuais e, sim, uma diversidade de músicos e bandas, se dissolveu ali pouco depois da morte ultraprecoce de Chico Science, aos 31 anos, em 1997. O trauma da morte do companheiro, amigo e agitador cultural à frente da Nação Zumbi, no entanto, não paralisou a usina pernambucana de ideias, de sons, de palavras e imagens.

Até pouco tempo atrás, no entanto, a produção literária era mais esparsa – ou, talvez, estivesse mais restrita à circulação local. Ano passado, Otto lançou um livro de poemas, “Meu Livro Vermelho” (editora Impressões de Minas). Neste ano, a cantora, compositora e atriz Karina Buhr estreia com um livro que deverá estar em qualquer lista de melhores da ficção brasileira de 2022.

Impregnado de imaginação e numa prosa que flui fácil, “Mainá” talvez seja o romance de formação mais original da literatura contemporânea. Em primeiro lugar, por que é escrito por uma mulher sobre uma menina; uma



criança cuja idade não adivinhamos com facilidade e que faz a travessia do amadurecimento existencial e emocional, como é a característica do romance de formação.

Ainda que não seja inédita a iniciativa na literatura brasileira – a pri-

meira referência que vem à memória é o extraordinário “Minha Vida de Menina”, de Helena Morley –, é ainda raro que uma escritora mulher consiga dar uma voz tão potente para uma criança e se sair com uma narrativa que nada tem de infantil.

Em segundo lugar, fala da gestação de uma rebeldia e de uma potência femininas, que se descobre com a ajuda dos ancestrais, das divindades anímicas e da religiosidade sincrética, entre as benzedoiras e rezadeiras, nas águas e nas visões da menina. Nesse sentido, a narrativa se aproxima da mitologia, em camadas sucessivas dos santos, emissários e mensageiros. Ou seja, só uma autora feminista contemporânea estaria aí nesse lugar de observação e narração – e será enorme pena se “Mainá” for lido apenas por mulheres.

E, por fim, ao contrário de muitas tentativas mais ou menos bem-sucedidas de falar desse universo da religiosidade afrodescendente, dos rituais e das transformações imaginárias que perpassam as festas e os batuques, nada em “Mainá” soa artificial ou “pesquisado”.

A facilidade com a qual a autora, por exemplo, parece passar do registro de relato de sonho ao das quase alucinações de Mainá aos dos sons que ela percebe como chamados ou avisos sugere que essa história que Buhr, artista de múltiplas linguagens, nos conta neste volume de pouco mais de 130 páginas é quase que um inventário de seu próprio percurso musical e de iniciada.

A jornada de Mainá, aquela que vê antes e se antecipa, que espera e espreita, é de uma menina em busca de uma voz autônoma, apesar de viver rodeada de ditos e conversas, com a mãe e o irmão, e com as vizinhas que vai nomeando e cujas histórias vai partilhando e, na falta de tudo isso, consigo mesma. No entanto, é contada de tal maneira que acaba por se assemelhar à luta pela expressão pessoal da artista em formação, aquela que tem de dar forma ao barro da sensibilidade.

Se há traços autobiográficos em “Mainá”, isso fica como segredo bem guardado na elaboração ficcional – e nada mais longe da autoficção que assolou a literatura brasileira dos anos 2000 do que essa estreia de Karina Buhr no romance. São pequenas pistas aqui e ali, são intervenções quase da escritora sobre a narradora Mainá que revelam uma autora que nasce já velha: “Eu sou uma criança velha, um gosto pela lama que me guia, que aparece e se cria. Monto uma casa de tijolos moles com o gosto frio da noite. Uma menina que já passou, às vezes insiste que está ali, mas já foi”. •



**COMITÊ  
POPULAR  
DE LUTA**

Saiba como criar um comitê  
[pt.org.br](http://pt.org.br)



# A LUTA CONTRA O FASCISMO

Organização:

Alberto Cantalice e Pedro Camarão

Chico Diaz • Dilma Rousseff •  
Fernando Haddad • Frei Betto  
• Izabella Teixeira • João Manuel  
Cardoso de Mello • Luis Nassif  
• Luiz Carlos Bresser-Pereira •  
Marilena Chaui • Paulo Betti  
• Rogério Cerqueira Leite •  
Silvio Almeida • Tereza Cristina

Disponível no site da Fundação Perseu Abramo

[fpabramo.org.br/publicacoes/estante/a-luta-contr-a-fascismo/](http://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/a-luta-contr-a-fascismo/)



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores